

JORNAL DE 2^a FEIRA

JUNDIAI, 25 - 31 DE AGOSTO DE 1975 — N.º 8

PREÇO DESTE EXEMPLAR

CR. \$ 200

Santa Rita, por Arnaldo Reis,
na Câmara

pág. 6-7

Urbanismo segundo Jorge Wilhein

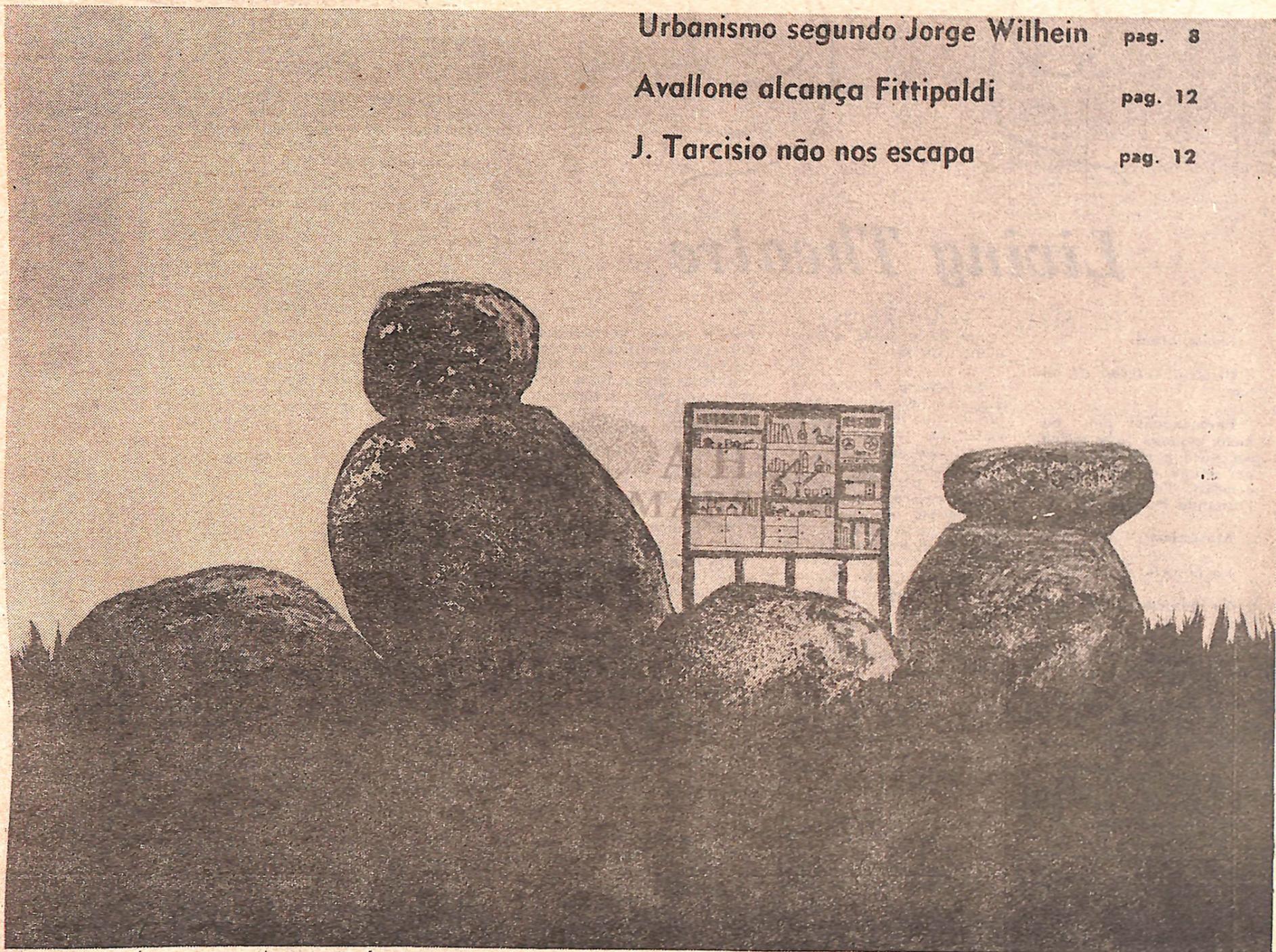
pag. 8

Avallone alcança Fittipaldi

pag. 12

J. Tarcisio não nos escapa

pag. 12



Tarcisio

Canto Chorado

Contam os ribeirinhos que no clarão lusco-fusco das noites estreladas, podem eles ver uma velha louca cantando ao longo do córrego do Mato.

Espera as horas mortas para esconder os seus andrajos e a sujeira nauseabunda do corpo inteiramente infestado de vorazes sanguessugas.

Algumas d'aqui mesmo, outras importadas da Capital e alhures.

Nos versos que vai cantando, a louca fala com voz roufenha dos fastos de outrora, no mesmo instante em que deflora a miséria de seus filhos mais pobres, acorrentados aos grilhões tributários como a giba ao dorso do coreunda.

Mea culpa, mea culpa, mea máxima culpa, vocifera acabrunhada, lamentando não ter ensinado a filhotada a defender-se dos fribusteiros que os ventos fortes da aventura fustigaram para cá.

Ou será deles a culpa, já que não souberam comportar-se condignamente naquele fatídico XV de Novembro?

E agora, quem os salvará do desespero e do caos?

Quantos janeiros levarão purgando a agiotagem dos mercenários que a ingenuidade dos aborígenes mal habituou chamar de corretores?

E a velha necromante porfia no seu canto macabro pelo asfalto do ouro do córrego dos aventureiros:

— Ai de mim! Pobre de mim! Que será de mim!

Filhos diletos, os que tive já não tenho. Enriquecidos, recusam-se a navegar em mar encapelado. Ao contrário, preferem a tranquilidade mansa dos lagos ainda que venham a ter o destino tragicômico dos eunucos e dos enfeitados.

Filhos desnaturados, impuros, poluídos pelo vírus da indiferença, da inércia e das conveniências inconfessáveis. Que vergonha, como estão acomodados!

E Petronilha — como é chamada a louca — prossegue na escuridão cantando a sua desesperança, rebatendo pra cá e pra lá os chupões doloridos das sanguessugas que a tornam cada vez mais magra e carcomida com sintomas hemópticos de um tísico estertor.

Surge a manhã, e a desvalhada foge da luz deixando no rastro o som agreste de suas últimas estrofes:

Ai, quem me dera, quem me dera
Sem dever um só vintém
Continuar vestir-me bem
Voltar a ser o que eu era

Afogar minha saude
Livrar-me das sanguessugas
Botar a matilha em fugas
Viver com dignidade

Ai, quem me dera, quem me dera
Voltar a ser o que eu era

Sinão

CARTAS

CARTA

Sr.: Dando continuidade ao Ciclo de Conferências que vem sendo promovido pela Câmara Municipal e a ADESG (Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra) — Representação de Jundiá, temos a elevada honra de vir à presença de V. Exa. a fim de convidá-lo para assistir a Conferência que será proferida pelo exmo. sr. eng. Jorge Wilhelm, DD. Secretário de Estado da Economia e Planejamento do Estado de São Paulo, sobre o tema "Política em desenvolvimento com referência ao Interior e especificamente a região de Jundiá", da Secretaria do ilustre convidado, a ser levada a efeito no dia 29, (sexta-feira) deste mês, às 20 ((vinte) horas, no Palácio da Esplanada, sede do Legislativo Jundiáense localizado na rua Barão de Jundiá, 128.

Cel. Luiz Carlos Domingos da Silva, Representante da ADESG em Jundiá

Carlos Ungaro
Presidente

Sr.: "Com respeito à publicação "O Jardim Brasil recusa o asfalto quente", que-

remos expor: 1) achamos que houve lapso na notícia, ao afirmar serem nossas as palavras que a Construtora Gutierrez não tem contrato com a Prefeitura. O que quisemos dizer é que a lei n.º 2.091, que disciplina o asfaltamento, é de 1975 e a Construtora está cadastrada anteriormente (1974); 2) quanto ao abaixo assinado, expondo nossas razões para que contra o prego do asfalto, este, no momento da publicação do jornal, não havia ainda sido entregue ao sr. prefeito." Henrique West de Camargo (Jardim Brasil).

EXPEDIENTE

JORNAL DE 2.ª-FEIRA

Propriedade da Editora Japi Ltda.

Rua Senador Fonseca, 1.044

Redator-Chefe:
Celso Francisco de Paula

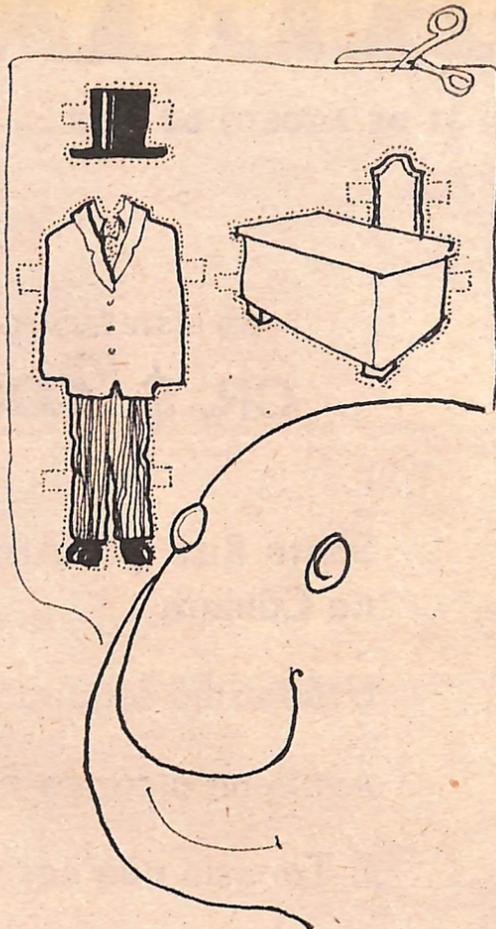
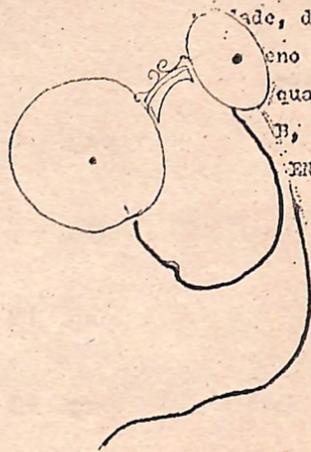
Arte e Capa:
Suzana Traldi de Souza e J. Tarcísio

Ilustrações:
Ivan Martinho
Suzana/Eduardo S. Filho

Oficinas Impressoras:
"Diários Associados"
Rua 7 de Abril, 230
São Paulo

Assinaturas
Semestral . Cr\$ 70,00
Anual Cr\$ 120,00

do. MAGALY DO AMARAL IBIS, inscritos no B e IBIS PEREIRA MAURO DA CRUZ e sua mulher A DA CRUZ, CIC 189.339.718, brasileiros, dados nesta cidade; e, de outro lado como IS MENA, casado, brasileiro, industrial, da, nº 75 - Jardim América - São Paulo, C conhecidos de mim Tabelião e das tentemur bridas, do que dou fé. E, perante estas, e ledores, me foi dito que a justo título sa



Living Theatre

Época: atual.

Cenário: interior de um bar.

Personagens: dois homens comuns (que podem ser você e um amigo, ou um amigo e outro, ou eu e você). Texto convidado: Fernando Pessoa.

Ato único.

1.º homem: Como vai?

2.º homem: Alô! Tudo bem?

1.º homem: Puxa, quanto tempo, hem?

2.º homem: Pois é.

Quais são as novas?

1.º homem: Você é que quem deve ter novidades. Me contaram que vocês estão fazendo um jornal.

2.º homem: Você já leu?

1.º homem: Não, ainda não. Mas soube que está bom, que vocês andam dando umas bordoadas firmes em cima de uns e outros...

2.º homem: Não se trata de dar bordoadas, nós estamos é mexendo com um monte de coisas que precisavam ser mexidas, só isso.

1.º homem: Conta pra mim, pô, não tenho tido

tempo de ler nada, ultimamente. Conta.

2.º homem: A gente ouvia todo mundo chiando por aí, que havia coisa errada, que era preciso alguém falar alto, esses papos. Então, juntamos um grupo de pessoas dispostas e partimos pro jornal. E, aos poucos, nós vamos fazendo nossas críticas. No começo, honestamente, eu achava que esse não era o meu negócio, sabe como é, a gente acaba se metendo, se empolgando e, daqui há pouco, tá fabricando inimigos. Em todo o caso, mandei ver. Você bebe alguma coisa?

1.º homem: Que é isso, rapaz! Eu não bebo nada, você me conhece. Depois, eu estou só de passagem, entrei porque vi você aqui. Bebida não é comigo, não.

2.º homem: Garção, traz mais uma. Uma só.

1.º homem: Mas, você estava dizendo...

2.º homem: Pois é. Começamos, os primeiros números tiveram uma boa aceitação, muita gente começou a nos dar dicas, a nos informar sobre coisas erradas, a gente foi procurando aqui, procurando ali, e no último número, inclusive, publicamos uns documentos muito sérios sobre compra e venda de terrenos que deveriam ser áreas verdes e que o pre-

feito e alguns vereadores, depois de modificarem certas leis, aprovarem outras, acabaram com a área verde, compraram os terrenos e faturaram uma nota firme. Tudo muito dentro da lei... deles.

1.º homem: E vocês publicaram isso?

2.º homem: Publicamos.

1.º homem: Rapaz, você deveria entrar pra política. Sabendo de todas essas coisas...

2.º homem: Não, a intenção não é essa, a gente está pensando em pôr o povão a par das...

1.º homem: Você devia entrar pra política, ouça o que eu te digo.

2.º homem: O que a gente está querendo é...

1.º homem: Ano que vem tem eleição, não tem?

2.º homem: Tem.

1.º homem: Então, rapaz! Entra nessa! Quem sabe você arruma uma boca e a gente não precisa mais trabalhar, pô! Eu sou teu amigo, hem!

"E o Universo reconstruiu-se sem ideal nem esperança e o dono da tabacaria... sorriu".

Erazê Martinho

O ruim da construção é esperar por ela.

Ganhe tempo, falando conosco.

TUDO PARA ACELERAR A SUA CONSTRUÇÃO

Praça Dr. Domingos Anastácio, 531 — Tels.: 6-4761, 6-5128 e 4-2730



ARIEL SA

O asfalto e a Câmara Municipal

Na próxima quarta-feira, a nossa edilidade irá apreciar o projeto de lei do Executivo, sob n.º 2.967, que versa sobre a alteração do art. 6.º da Lei 2.091 de 21 de março de 1975, que trata do pagamento da taxa de asfalto.

Segundo comentários, a aprovação é tida como certa, já que existe um clima de "Amém" generalizado a todos os projetos de iniciativa do sr. Alcaide, oriundo da grande liderança política em todas as alas e em todos os setores.

Se o projeto for aprovado — e na certeza o será — que se cuidem os proprietários dissidentes dos bairros que receberem o asfalto. Terão que pagar, segundo a vontade do alcaide, ditada no projeto, em "até seis parcelas", com os acréscimos de fiscalização de dez por cento, mais juros e correção monetária.

Os proprietários discordantes com a proposta nas condições da lei em alteração, que previa o pagamento em 12 ou 18 parcelas, com o novo decreto terão que se desdobrar arranjando dinheiro de qualquer forma para pagar o asfalto, porque, segundo a redação dada ao projeto, o pagamento poderá ser feito "em até seis parcelas". Se convier ao sr. Alcaide, pela redação do art. 1.º, ele poderá também exigir o pagamento de uma só vez.

Partindo-se do princípio milenar, universalmente aceito, de que a boa-fé se presume e a má-fé deve ser provada, é fácil de se concluir que os proprietários que recusaram a proposta do sr. Alcaide, no pagamento do asfalto em 12 ou 18 parcelas, não o fizeram por falta de condições financeiras. E agora, se o projeto for aprovado, como farão? Não podem pagar em 18, como pagar a taxa "em até seis parcelas"? Vendam os imóveis, eis uma sugestão, porque o que não é direito e não se permite, segundo a filosofia da administração, é impedir o progresso.

Sob o aspecto legal, a lei 2.091 a ser alterada pelo projeto 2.967 se choca frontalmente com a lei maior n.º 1.772 (Código Tributário Municipal). Este último, em seu artigo 211, que trata da Taxa de Execução de Pavimentação, estabelece: — "O RECOLHIMENTO DA TAXA É FEITO EM 30 (TRINTA) PARCELAS MENSAIS". Para ficar revogado o disposto neste artigo, sob o aspecto legal, há necessidade imperiosa de revogação expressa. Não se encontra tal revogação na lei 2.091, e de acordo com o que preceitua o art. 2.º § 2.º da Lei de Introdução ao Código Civil — "A lei nova, que estabeleça disposições gerais ou especiais a par das já existentes, não revoga e nem modifica a lei anterior." — o art. 211 do Código Tributário Municipal está em pleno vigor.

Outro aspecto não menos importante se prende ao fato de que se a lei 2.091 revogou (admitindo-se) o art. 211 do C.T.M., o fez com uma irregularidade sanável, apenas com a declaração judicial da sua nulidade. Ora, para que houvesse uma revogação válida, deveria ser expressa e contar com o voto favorável de 2/3 dos senhores edis. No entanto, a lei mencionada foi aprovada com maioria simples, sendo promulgada e posta em execução irregularmente.

Da mesma forma, o projeto a ser votado na próxima quarta-feira, deverá contar com o voto de 2/3 dos srs. vereadores, sem o que se apresentará irregular, como está irregular e conflitante com o C.T.M. a lei que se presume pretende alterar.

Não bastasse isso, acrescenta-se que a "concessão de serviço público", como é o caso dos diplomas legais em questão, exige o "quorum" de 2/3, segundo interpretação da Lei Orgânica dos Municípios.

Outro absurdo desses diplomas legais é que a nobre, zelosa e culta Câmara Municipal referendou para a execução das obras de pavimentação a mesma empreiteira, o mesmo preço da concorrência duvidosa do sistema viário, com diversos pareceres que demonstram irregularidades gritantes.

Já que a Câmara está com oportunidade de reexaminar o problema, seria de bom senso e de todo interessante, que se inteirasse dos preços da firma que está asfaltando — ou como dizia um antigo vereador Garbati, "surfutando" — Jundiaí, fornecidos por ocasião da concorrência do Sistema Viário.

O preço daquela concorrência foi global. Pavimentação é apenas um item. Não deveria, portanto, servir para um serviço específico. Ainda mais quando o preço dado foi o mais caro dentre todos os apresentados para os serviços de asfaltamento naquela ocasião.

Visto e divisionado o problema por esses ângulos, não poderão os representantes do povo, agora remunerados por esse mesmo povo, deixar escapar a ocasião para eliminar as irregularidades e exterminar o monstinho. "ANTES DE MAIS NADA UMA NOVA CONCORRÊNCIA".

A ÁGUA CARA

Muito se tem publicado sobre a água em Jundiaí. Folhetos, notícias, páginas inteiras de jornal. Mas um detalhe importante não tem sido convenientemente ventilado: o preço desta água para o usuário.

Mês passado, as empresas jundiaien- ses receberam uma circular do DAE, datada de 14 de julho, com uma notícia bem pouco agradável. Comunicava que, "face à elevação dos custos operacionais", a água iria sofrer novo encarecimento. A partir do corrente mês de agosto, os preços por metro cúbico, para as indústrias, passaram a depender da faixa de consumo, a saber:

consumo	tarifa
(m3)	(Cr\$/m3)
00 a 60	1,45
61 a 105	1,81
acima de 105	2,17

Considerando que os limites das faixas são bastante baixos, isto significa que irá preponderar a tarifa mais alta, ou seja, Cr\$ 2,17 por metro cúbico. E essa tarifa é cinco vezes maior do que a de agosto de 1973. O preço da água vem crescendo de forma assustadora:

data	Cr\$/m3
73-agosto	0,46
73-setembro	0,52
74-janeiro	1,04
75-janeiro	1,45
75-agosto	2,17

A condição humana

É uma das obras-primas da literatura universal.

Seu autor foi parte integrante de uma geração de escritores idealistas que viveram intensamente uma época tumultuada, em que a humanidade procurava uma acomodação e um sentido de digna sobrevivência, depois da hecatombe da I Guerra Mundial, e já sentindo a vinda do temporal que viria a desabar em 1939.

André Malraux participou, com toda a sua sensibilidade e com a sua inerente vitalidade, de todos os confrontos da época.

Lutou na China, na Espanha, e foi um dos membros mais atuantes da "Resistência" na França. Ministro de Estado no fim de seus dias, dirigindo a Pasta da Educação, foi homem da estrita confiança do general De Gaulle.

Em sua obra nos lega uma filosofia e um sentido de vida carismático. A pregação constante de que a participação ativa nos acontecimentos é mais importante que a transitoriedade da vida humana.

O homem existe quando age. E sua sobrevivência é finita.

Necessita de um objetivo, de um ideal.

"Não há dignidade possível para um homem que trabalha doze horas por dia sem saber porque trabalha."

Qual a explicação desta evolução absurda? Que não se alegue o vulto das obras de captação e de distribuição. Estes equipamentos têm vida útil muito longa; em consequência, é bastante reduzida a incidência de sua depreciação na formação do custo. Por outro lado, a remuneração do capital não deve ser muito elevada, dado o caráter de serviço público a que se destina. Assim sendo, dentro de um critério consciente e judicioso, o rateio dos investimentos fixos representa parcela muito pequena no custo do metro cúbico de água.

Mesmo esquecendo estes preceitos de uma administração mais criteriosa, e exigindo-se uma amortização rápida das imobilizações, é difícil justificar a brutal elevação das tarifas. Quanto já foi investido pelo DAE? Qual o montante dos financiamentos? Qual o plano de liquidação das dívidas? Qual a orientação adotada para distribuir os encargos financeiros entre os consumidores? Qual a previsão de novos encarecimentos da água, em face de mais empréstimos pretendidos? São esclarecimentos que se solicitam aos dirigentes da autarquia.

Enfim, o alto preço da água se encaixa perfeitamente no quadro geral do presente governo municipal. Deste governo marcado pelos custos administrativos exagerados, pelos gastos excessivos, pelos contratos julgados inconvenientes ao município. Basta observar, por exemplo, a facilidade com que nossos preciosos recursos se desperdiçam com publicações caríssimas, para se entender porque a água é tão cara.

Francisco de Assis Oliva

O homem é sempre colocado dentro do seu contexto da não aceitação da omissão ou da alienação. É sempre parte da humanidade.

"Urgia que esse trabalho tivesse um sentido, o de criar uma Pátria."

O sentido heróico de sua vida o disciplinou, e os constantes riscos a que esteve exposto transmitiram-se um profundo sentido de transitoriedade em relação ao mundo. E um patriotismo inabalável, em função de sua terra natal e em relação a todos os seres humanos que se encontrassem agredidos, cercados ou corrompidos.

Lutou constantemente contra a usurpação ou a corrupção em todos os cantos do mundo.

Seus personagens carregam uma fé supernatural:

"Ele não aspira a qualquer glória, a qualquer felicidade. Capaz de vencer, mas não de viver na sua vitória."

André Malraux tentou sempre transmitir o fato de que o homem pode aprender à sua própria custa o que carrega de grandeza interior. E, de que a imanente e permanente responsabilidade perante os destinos da coletividade, pode dar ao homem a consciência de uma grandeza que dentro de si mesmo ignorava.

Alberto Traldi



OS MAIS COMPLETOS EM GÊNEROS
ALIMENTÍCIOS DE TODA A REGIÃO.

Loja 1: Rua da Várzea, 1157. Tels.: 4-1625 e 4-1627

Loja 2: Av. Dr. Olavo Guimarães, 253. Tels.: 4-1622 e 4-1624

Legislativo e Executivo Municipais — III

Dissemos que além de aprovar, emendar ou rejeitar projetos de lei, resta à Câmara Municipal fiscalizar os atos do Executivo e pedir.

Vamos deixar a fiscalização para o próximo número, de vez que se nos afigura a mais importante função do vereador e mesmo porque se desfigura completamente em face do item "pedir".

REFLEXÃO

Retalhos

O MERCADO

E' de se lamentar a imprevisibilidade econômica na administração municipal, na feitura do MERCADO da rua Bandeirante. Como é possível conceber que se planeje um mercado público, para depois transformá-lo em Posto de Assistência Médica? Onde estão os economistas, os responsáveis pelo dinheiro público? Deveriam ser chamados à responsabilidade. E os humildes comerciantes que para lá foram deslocados, como se encontram? Por certo, desistiram de suas atividades sob pena de não subsistirem economicamente. E foi o que aconteceu. O prédio feito para ser usado como mercado, gastando-se grande soma, recebe nova aplicação de dinheiro para adaptá-lo a outra atividade. Não se fez na ocasião estudo de localização, de viabilidade econômica, quer levando-se em consideração ao consumidor, quer atentando-se na subsistência do próprio comerciante. E o casarão — mercado velho da rua Barão. Por que foi evacuado? Qual a utilização? Bem ou mal os comerciantes lá instalados ganhavam a sua vida e atendiam a uma certa coletividade. E agora, transformou-se num local propício para a procriação de ratos. Assim caminhamos e só nos resta criticar para que no futuro outros empreendimentos desta natureza não surjam.

CENTRO COMERCIAL DE JUNDIAÍ

Não sabemos se os comerciantes de Jundiá têm conhecimento e se a Administração Municipal, composta de economistas de renome, trazidos da metrópole para dinamizar a pacata e humilde, bem como todos a chamam provinciana cidade de Jundiá, se conscientizou de que o consumidor jundiáense se desloca para outras cidades a fim de adquirir produtos que necessita. Busca evidentemente o que aqui não encontra e ao mesmo tempo adquire o que o comércio de Jundiá tem, tudo em prejuízo do comércio, da cidade e da arrecadação. Isto porque os poderes públicos ainda não se compenetraram de que há necessidade de se remover alguns lugares "velharia central", criando-se e alargando-se o centro comercial. Bem não há muita importância que se compre fora, uma vez que todo o mundo deve seguir o exemplo do município em contratar a prestação de serviços de firmas de outras cidades, canalizando todo o nosso numeração para outras regiões. Os industriais de Jundiá sempre empregaram em outros lugares o produto de seu lucro produzido nesta cidade. Há necessidade de se acabar com essa mentalidade. E' difícil se aceitar, o jundiáense fazendo compras alimentícias em Campinas!!!, buscando o Hospital de Vinhedo!!!, indo tomar refeições em restaurantes de Itatiba!!!, frequentando saunas em Louveira!!!, entretendo-se na capital paulista!!! e, afinal, rodando quilômetros e quilômetros em busca de um batelã, existente na pacata Ilhéus há muitas décadas. E' entristecedor.

PASSARELAS

Quando se falou, se noticiou sobre as passarelas da Via Anhanguera, gastou-se tempo, papel, ofícios e até hoje, nada resolvido. O coitado povo do bairro do Retiro tem que ocorrer o risco diário na travessia. Supomos nós, que é uma obra de tão pequeno vulto, que a Prefeitura, 3.0 orçamento do Estado, poderia suportá-la. Isto porque, empréstimos não faltam. A Câmara está propensa a aprovar quantos projetos de empréstimos forem enviados. Então que se tome emprestado "algo mais" e que se evitem constantes mortes dos transeuntes da Via Anhanguera, deixando-se o DER em paz, com a interminável Imigrantes e a suntuosa Via Norte.

O Pensador

Para demonstrar o que pretendemos, usaremos as próprias palavras do edil jundiáense Antônio Tavares, o qual, em entrevista publicada no Jornal de Jundiá, de 8-8-75, intitulada A máquina administrativa está ao lado do meu grupo, declara textualmente:

"Nós temos o maior grupo no Legislativo, formado por sete vereadores: Henrique Franco, Edmar, Waldir, Luiz Lourenço, Geraldo Dias, eu e também o Dorta, 1.º suplente, que acompanha o grupo. Esse nosso grupo tem condições de aumentar, dependendo do interesse de cada um. A máquina administrativa está ao nosso lado e o grupo tem prioridade total; dessa maneira, se não conseguirmos nada, os outros estão fora de cogitação. Colaborei com o prefeito e em todas as decisões."

Essa é a declaração de um vereador municipal que vem ao nosso encontro, espontaneamente, sem meios-termos, nem subterfúgios, confirmar nossas palavras quando dizíamos ser o representante que mais consegue na Prefeitura, o mais dependente.

São afirmações comprometedoras para uma administração e para o grupo.

Para o cidadão aqui de fora custa aceitar que a função do vereador seja a prática da arte da barganha, o toma lá dá cá. O Executivo só atendendo vereador que vota a favor, nos seus projetos. A máquina azeitada com o dinheiro de todos, trabalhando para alguns.

Isso não pode ser aceito por nenhum cidadão e muito menos pelo que prestou um compromisso solene de bem representar aos eleitores.

Se para a consecução de um bico de luz, melhoramentos nos bairros ou tapar buracos, serviços que competem ao administrador, for necessário votar cegamente ao lado do prefeito, estaremos, evidentemente, num processo de desmoralização de um dos órgãos municipais, a que assistiremos melancolicamente.

Ora, a máquina administrativa está ao lado de um grupo. Muito mau. É preciso, todavia, dizer o que esse grupo representa e quem. Tudo o que sabemos de política e administração terá que ser reestruturado, pois, sempre entendemos que a máquina administrativa deveria estar ao lado do povo, inteirinho, sem partidarismos, sem grupelhos inconsequentes que promovem o desencanto dos democratas.

Essa máquina, na verdade, está enganando os próprios vereadores. Porque os serviços têm que ser feitos, são rotina. Se assim não fosse, por que a Prefeitura, por que funcionários, por que verbas?

E vem o vereador e diz que colaborou com o prefeito em todas as decisões. Ao que se sabe, muitas decisões do Executivo Municipal estiveram abaixo de crítica. Se colaborou em todas para ter a máquina ao seu lado é pecador confesso.

E vai mais longe e diz que aquele que não estiver de acordo nada conseguirá.

Está ficando todo mundo louco! Calma, minha gente. Como nada conseguirá? E se der a louca também no vereador e este vier ao povo e disser o que o prefeito está exigindo dele? Como é que ficamos?

Senhores componentes da Câmara Municipal de Jundiá, e a consciência, a personalidade de cada um, a honra, a dignidade de um Poder Municipal composto pelo povo, onde ficam?

Os senhores participaram de uma eleição e prometeram desempenhar bem os seus mandatos. Nunca, jamais, em tempo algum, constou que seria necessário ceder e a se comprometer para a obtenção de um melhoramento qualquer.

Se os senhores chegarem aos seus eleitores e disserem que somente conseguirão atendê-los trocando com o Executivo um voto que virá aumentar abusivamente os impostos, ou por um fabuloso empréstimo comprometedor da economia municipal, ou outro que impõe um projeto de asfaltamento para o seu bairro com preço muito maior do que deveria ser, acreditamos piamente, seriam devidamente compreendidos e exaltados.

Mas, ao vereador combativo, capaz e altamente interessado em sua cidade e sua gente, outros meios existem para acionar a máquina administrativa em prol do seu povo, principalmente porque ela só existe para isso.

Agora, minha gente, se para conseguir um bico de luz é necessário transacionar, que fique a cidade no escuro, porque a consciência e a dignidade restarão bem claras, respaldadas mesmo no consenso geral e o foco de luminosidade alcançará muito mais longe do que um tênue fecho a ser eliminado por um mesquinho curto-circuito.

Virgílio Torricelli

TRÂNSITO

Pela quarta vez consecutiva o vereador Joaquim Ferreira está requerendo à Comutran a mudança da mão de direção da rua Coronel Leme da Fonseca. Ele é de opinião que os motoristas que se dirigem do do centro à Via Anhanguera e ao Anhangabaú devem ter ligação direta com a avenida Jundiá e diz não compreender como é que o presidente da Comutran, tendo feito curso de trânsito nos Estados Unidos ainda não cuidou disso.

TÁXIS

Baseado em informação do IBGE, o prefeito poderá permitir a entrada anual de novos táxis na praça, obedecida a proporção de um veículo para cada 1.000 habitantes. É o que propõe o projeto que o vereador Adoniro José Moreira apresentou na Câmara quarta-feira, última. Antes, ele quis fixar a proporção de 1/900, mas seu projeto foi vetado e o veto acatado pela Câmara em razão de uma emenda proposta pelo líder da ARENA, Elio Zillo, que o tornou ilegal. Essa emenda, que o próprio autor reconhece ter sido geradora de motivo para o veto, visava a obrigar o prefeito a submeter à aprovação da Câmara os projetos que visassem a criar novos pontos de táxi na cidade. Esta medida se situa entre os atos discricionários do prefeito. O novo projeto, dispensando a emenda, será legal. Por isso já tem promessa de voto favorável de todos os vereadores.

PONTOS

A maioria dos novos pontos de táxis criados na cidade pela atual administração permanece sem nenhum carro, enquanto os seus permissionários ficam mariscando nos outros pontos. Esta situação decorre da péssima localização daqueles pontos e a solução será mudá-los para onde os motoristas tenham melhor chance de subsistir. O Sindicato e a Comutran estão levantando esses novos locais.

COMPANHIA JUNDIAIENSE DE MADEIRAS

Pinho para fins industriais, marcenarias, carpintarias, construções. Oferecemos, também, cargas diretas de pinho e peroba.

SCARABELLO & PINTO LTDA.

RUA BARTOLOMEU LOURENÇO, 68

TELEFONES 6-3602 E 6-8119

JORGE WILHEIM: UMA INICIATIVA DA CÂMARA E DA ADESG

Mesmo antes de ser secretário de Planejamento, durante sua vida profissional, sempre foi estudioso e atuante em todas as áreas a seu alcance.

O saudoso Carlos Milan, brilhante arquiteto, falecido jovem em acidente de automóvel, era um dos colegas de Jorge Wilhelm que, com outros estudantes, compunham um bom grupo formado pelo Mackenzie, que veio a enriquecer a classe de arquitetos de São Paulo no início da década de 50.

Desde o início de sua vida profissional atuou intensamente na arquitetura. No começo, mais em projetos de edifícios e depois mais em planejamento urbano.

Jorge Wilhelm, entretanto, nunca se distanciou do Instituto de Arquitetos do Brasil

— IAB — através do qual sempre participou de comissões e grupos de trabalho que estudaram temas que envolviam a cidade de São Paulo e os problemas da classe profissional.

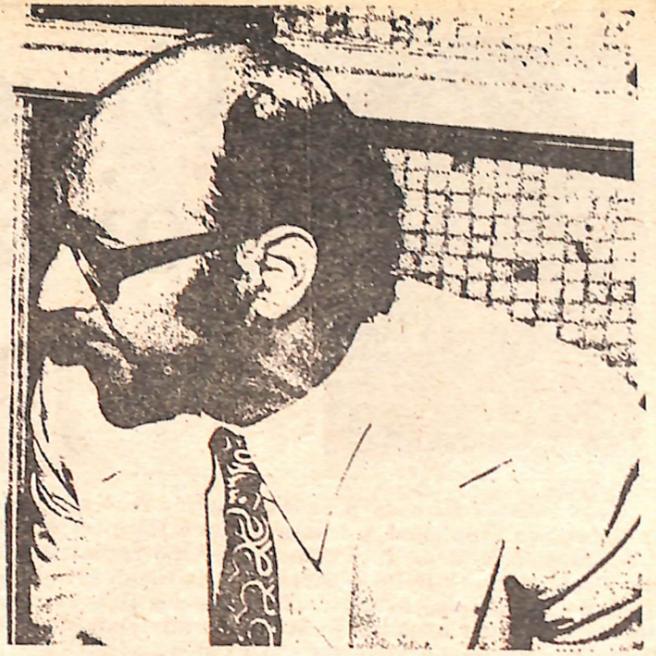
Entre os exemplos de planejamento urbano de que participou valem mencionar Campinas, com trabalho mais recente que vem sendo desenvolvido pela administração da cidade vizinha e Curitiba, onde colaborou ativamente na implantação do processo de planejamento, de onde inúmeros bons resultados já são bem conhecidos.

Em arquitetura de edifícios seus trabalhos já ultrapassaram nossas fronteiras. Seu trabalho mais conhecido entre nós é o Parque do Anhembi, que é um conjunto arquitetônico composto de di-

versos prédios e pavilhões.

Jorge Wilhelm não limitou sua ação à área profissional. Em 1965 forneceu muitas informações ao público através de seu livro "São Paulo — Metrópole 65". Nele fez constar de forma bem clara o processo de metropolização da cidade, o que, por certo, serviu de subsídio ao Governo federal na criação da lei de áreas metropolitanas.

Recentemente, já como secretário de Planejamento, concedeu entrevista à revista "Arquiteto", falando a respeito dos "diversos caminhos do Plano Habitacional". Ante a uma questão que abordava a "interiorização" e o atendimento simultâneo da Grande São Paulo, sua resposta envolveu o aspecto da macro-metrópole, ou seja, a somatória de metrópole mais o



Vale do Paraíba, a Baixada Santista, a região de Campinas (que inclui Jundiaí) e a de Sorocaba.

A palestra programada, sob o título "Política em desenvolvimento com referência ao Interior e especificamente a região de Jundiaí" mostra que o secretário de Planejamento acha-se preo-

cupado e interessado em conhecer toda a situação do Estado para fazer corretamente o que está ao seu alcance. Por certo, nosso município, como centro de uma região de características bem típicas, poderá ser o principal enfoque de sua conferência a realizar-se no próximo dia 29, no Palácio da Esplanada.

Distensão, distorção ou encruzilhada democrática

A relativa liberalização que antecedeu às últimas eleições para preenchimento de cadeiras do nosso Congresso Nacional deveria servir de teste para a maturidade política do povo brasileiro, e também para por em juízo público todo um esquema que há dez anos vinha sendo usado em nosso País.

Os atuais mandatários encontravam-se em posição cômoda para propor o desafio, pois, com o curto tempo transcorrido desde suas posses, estariam infensos às críticas e o que estaria em jogo seriam exatamente os modelos usados por seus antecessores. Descompromissar-se-iam, assim, de permanecerem forçados a depender do apoio que o partido situacionista lhes fornecia como majoritário absoluto, uma vez que a oposição, antes das eleições, contava com menos de 1/3 dos votos legislativos.

Os resultados dessa liberalização foram, porém, de molde a surpreender determinadas áreas que não se encontravam propensas a aceitar como válida a consulta popular como representativa de uma conceituação crítica e respeito do momento histórico nacional e internacional.

A Aliança Renovadora Nacional, embora permanecesse majoritária, sofreu sério revés, e seus candidatos ao Senado, no regime de um contra um, ou foram fragorosamente derrotados, ou se venceram, o fizeram por margem não expressiva de votos, e no referente à Câmara Federal o modelo pré-revolucionário de influências de chefes políticos regionais fez-se sentir em vários Estados, o que veio possibilitar a manutenção da majoritariedade. Torna-se, po-

rem, importante frisar que na maioria dos Estados de força econômica e produtiva (Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul), historicamente, de eleitorado mais esclarecido, essas ditas influências não conseguiram bloquear o caudal de desconhecimento.

Assentada a poeira, depa-rou-se com o aparvalhamento dos setores mais representativos dos dois partidos. De um lado, falidas e derrotadas lideranças, tentando justificar-se, procuravam, com interpretações distorcidas, desvincular o sentido crítico da consulta popular. De outro, os despreparados vitoriosos, confusos, a não saber como proceder perante a vitória parcial.

Notou-se uma dissincronia entre as posições tomadas por importantes próceres emedebistas, alguns (a grande maioria) tentavam também fugir às demonstrações de euforia apressada. E, apressados, demonstravam que não houvera derrotados e que a maior vitória deveria ser creditada à liberalização e ao seu artífice principal, o Exmo. Sr. Presidente Ernesto Geisel. Outros, mais afoitos, passaram a trombetear aos quatro ventos que não deveriam desculpar-se perante o poder central pela vitória.

Essa posição dúbia do partido oposicionista e a séria avaliação que analistas governistas passaram a fazer vem provocando uma pelo menos parcial reviravolta na opinião pública em comparação com aquela de novembro de 1974.

O MDB passou então a impor uma linha de conduta de assumir posição de luta mais

consequente na revogação do AI-5 e do artigo 477. E os jornais passaram, após a suspensão do sistema de censura prévia que os limitava, a apresentarem quantidade inusitada de artigos tratando do problema, causando sérias preocupações a setores radicais e acostumados a posições direitistas, que começaram a investir contra o processo de distensão posto em prática pelo presidente da República.

O discurso presidencial de

26 de julho pareceu-nos, assim, uma posição de inegável maturidade, no sentido de impedir indesejáveis retrocessos, de um lado a padrões anteriores a marco de 1964 e de outro a critérios de acentuada exceção anteriores a novembro de 1974.

Não foi, porém, essa a interpretação que se fez sentir por parte do partido oposicionista que, como que atingido por doença infantil de esquerdismo, passou a hostili-

zar de forma mais contundente o Poder Executivo.

Não poderia se oferecer aos radicais direitistas melhor prato. E todos os debates sobre a corrupção que teria acontecido, em órgãos governamentais em passado próximo, que embora provocados pela oposição, estariam pela sensibilização popular que vem conseguindo, servindo de sustentação à argumentação daqueles que alegam que imperativo se torna o retrudescimento de medidas excepcionais.

Não se incorra, aqui, no erro de nos considerar defensores da malversação do erário público e práticas outras lesivas ao povo. Muito pelo contrário, desde há muito tentamos denunciar esses atos que ora o fazemos. A linha em que este jornal se conduz, por si responde a essas considerações.

Porém, exemplos de quedas de regimes de democracia moderada provocadas pelas máfias críticas feitas pelos bem-intencionados — e que no final têm servido aos setores direitistas para assumirem o poder implantando ditaduras de ultradireita — levam-nos a expor esta argumentação.

Por mais que o poder constituido lute contra os corruptos, a presença destes é frequentemente usada por setores ultradireitistas como exemplo de fraqueza do regime democrático. Assim, consideramos estar atravessando um dos períodos mais sérios o nosso sistema político.

Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come.

Wolf Herbert Nossak

JORNAL DE 2ª

TODA 2ª FEIRA NAS BANCAS

EXISTEM 14 CORES DE TAMPAS PLÁSTICAS, ARMÁRIOS DE PENDURAR E ARMÁRIOS DE EMBUTIR ASTRA. O QUE TORNA QUASE INCRÍVEL QUE AINDA EXISTAM BANHEIROS MAL DECORADOS.

ASTRA

S.A. Indústria e Comércio

Rua Colégio Florence, 59 — Tels.: 6-4650 e 4-1489



O secretário da Saúde foi à Câmara. Veja o que ele disse

Convocado à Câmara para explicar as razões que levaram o Poder Executivo Municipal a desapropriar o Hospital Santa Rita de Cássia e a associação desse fato com o convênio recentemente firmado entre a Prefeitura e o INPS o secretário da Saúde, Higiene e Bem-Estar Social do Município, Arnaldo Martins dos Reis, fez aos vereadores, inicialmente, uma explanação sobre a atividade de sua pasta nestes primeiros dois anos e meio de sua existência.

Para que os leitores possam formar um juízo correto da participação do referido secretário — que também é diretor do grupo médico denominado Sobam — na deflagração do ato que causou tanta celeuma na cidade no mês de junho último, o *Jornal de 2.ª* dá publicidade às suas considerações iniciais, ao atender a convocação dos vereadores, na noite de quinta-feira, dia 21 de agosto, ou seja, quase três meses após a aprovação do requerimento que forçou sua ida ao Palácio da Esplanada.

Em síntese, este foi o relato do secretário na abertura da referida sessão extraordinária da Câmara Municipal:

"Antes da criação de nossa Secretaria, toda a infra-estrutura médica se encontrava em consultórios particulares, na previdência, em hospitais particulares, toda ela. Assim sendo, uma grande parte da população era atendida mas ficava praticamente sem atendimento a parte mais necessitada. A orientação dada tanto pela previdência, como principalmente pela retaguarda hospitalar de nossa cidade, visava uma parte da população, e a maioria dessa retaguarda, não poderia ser diferente, entre outras finalidades tinha a finalidade lucrativa. O único hospital realmente gerido por uma autarquia municipal era o São Vicente, o qual tinha uma direção mais voltada para o ensino médico, que era direção diferente a que deve ser dada na saúde pública; é uma direção que pode colaborar de forma paralela; não é a certa para a saúde pública.

"Quando assumimos, procuramos, primeiro, fazer um diagnóstico de como era a situação da saúde em nosso município, para podermos ver quais as soluções que deveriam ser adotadas e, mais tarde, executadas. Assim, encomendamos à Faculdade Anchieta um levantamento com os dados mais simples, mais objetivos, que poderia nos dar um real conhecimento da situação da saúde em nosso município. As perguntas que deveriam ilustrar esse trabalho eram as seguintes: 1) Quantas crianças nascem em nosso município? 2) Quantos óbitos ocorrem em nosso município? 3) Em que idade ocorrem esses falecimentos? 4) Onde moram essas pessoas? 5) Uma projeção, se nos pudessem informar, e se medidas não fossem tomadas até 1980; 6) Quais os casos que produziram as mortes em nosso município?"

"Esse levantamento foi minucioso realizado em cartório de nossa cidade, atestado por atestado de óbito, com um valor quase 100% real. E as respostas, então, vieram à nossa Secretaria.

"Esse trabalho eu vou simplesmente relatar rapidamente. As conclusões: — um trabalho eficiente, com gráficos, com taxas comparativas, aqui tem dados muito importantes. A título de ilustração: no ano passado a meningite sensibilizou nossa cidade, a nossa população, de maneira muito grande e naturalmente o número de óbitos pela meningite. Pois bem. Naquele ano, em situações as mais adversas, o número de mortes por meningite em nossa cidade foi simplesmente a metade do total de mortes por desidratação.

"O importante desse levantamento: foi realizado de 1966 até 1974. Neste nosso trabalho fomos compilando até 1973. De zero a 1 ano, todos os falecimentos acontecidos em nosso município (...) tivemos: em 1966, 36,15% em 1967, 56,36%; em 68, 73,68%; em 69, 78% e assim por diante. E em 1973 34,58%.

"Então, a primeira conclusão: as crianças de zero a 1 ano de idade que falecem correspondem a mais de um terço de todos os falecimentos de todas as moléstias que acontecem em nosso município.

"Além desse dado, outro muito importante foi do que morrem as pessoas em nosso município. Prematuridade, desidratação, estes diagnósticos compõem 80% de todas as causas. O enfarte, a meningite, o sarampo, acidentes automobilísticos, de todas as causas de mortes acontecidas aqui, 80% acontecem quase sobre esses diagnósticos.

"Conclui-se, então, que a maioria das mortes em nosso município, mais de um terço delas, acontecem nas crianças, por falta de uma assistência às gestantes. Estes são dados técnicos e estatísticos que realmente provam que há uma falta de assistência materna-infantil em nossa cidade.

"A falta de assistência materno-infantil, nós vimos, realmente não é um dado peculiar em nossa cidade. No Brasil todos têm assistência e nós não temos. Não é. Mas o pior de tudo isso foi o que nós denominamos índice de mortalidade infantil, índice este que se divide em dois tipos: — o total que é em número de crianças que falecem no primeiro ano de vida, e o de mortalidade infantil, que é o número de crianças, mas crianças nascidas vivas, mas que morrem no primeiro ano de vida.

"Em Jundiá, esse total de mortalidade infantil é — ou melhor, foi — de 128 mil por dia. De cada mil crianças nascidas em nosso município, 128 falecem no primeiro ano de vida. E o índice de crianças nascidas vivas, que depois morrem, foi de 108,5 por mil. Estes índices são altíssimos para a nossa cidade se compararmos, por exemplo, com o índice médio de nosso Estado. Há pouco tempo, o dr. Walter Leser, secretário da Saúde do Estado, deu a seguinte entrevista a "O Estado de S. Paulo": "O índice de mortalidade infantil no Estado de São Paulo subiu a 95 mil crianças nascidas vivas." Ontem, o dr. Walter Leser qualificou o fato de vergonhoso, pois coloca o Estado numa posição pior do que países extremamente subdesenvolvidos.

"Então nós chegamos à seguinte conclusão: morrem muitas crianças em nosso município. O índice de mortalidade nosso é extrema-

mente vergonhoso, acima da média do nosso Estado e acima de muitos outros Estados, tais como Mato Grosso, Amazonas, Rio Grande do Sul. Então, morrem muitas crianças e há uma total falta de assistência materno-infantil."

"Feito o diagnóstico, precisamos encontrar as soluções. Desta maneira, nós fizemos, ou melhor, partimos para uma filosofia de ação neste setor de saúde. Então, quais os objetivos que nós teríamos alcançado e a alcançar para melhorar essa falta de assistência materno-infantil e, conseqüentemente, esse índice de mortalidade infantil?"

"Assim, fizemos estes objetivos principais: diminuir o índice de mortalidade, diminuindo o índice de doenças em nosso município. Fizemos alguns objetivos paralelos, porém importantes: integração de todos os recursos possíveis da área municipal nas áreas estadual e federal, para que pudessemos fazer uma assistência materno-infantil e universalização do atendimento."

"Antes da Secretaria, como eu disse — e nisso não há nada de errado, porque depende do poder público, não do poder privado —, certos setores tinham atendimento, mas o setor necessitado não encontrava no poder público nenhum atendimento. Então, fizemos a universalização do atendimento, isto é, todos devem ter direito ao atendimento, desde o mais pobre até o rico, para que todos pudessem ter a oportunidade de ser melhor atendidos."

"Traçando esses objetivos, elaboramos o Plano, planejamos como iríamos atingir tais objetivos. Primeiro fizemos a medicina que iria de encontro aos doentes. Normalmente, todos os recursos médicos aguardam que o doente venha. Então, centralizam-se os atendimentos médicos, os recursos médicos, e o doente tem que vir de longe buscar esses recursos. É a medicina de vir o doente, não a de ir ao doente. Muito bem; então, esse mesmo objetivo nós tínhamos que modificar, tínhamos que tratar de ir ao encontro do doente."

"É muito difícil, numa periferia, uma mãe com vários filhos, sem possibilidades financeiras, sem ter, muitas vezes, quem cuide dessas crianças, e, muitas vezes, nem orientação que naquele caso deve levar ao médico, fica difícil para ela vir ao centro da cidade. Por isso, nós instituímos as unidades de serviço, cujo objetivo principal, no campo de saúde, é o setor obstétrico, o setor infantil. Colocamos junto o clínico geral, além do obstetra e do pediatra, porque não há dúvida que nós precisamos cuidar de toda a população, e não somente da parte materno-infantil..."

"Então elaboramos um esquema que deveria ter, a qualquer momento, uma assistência materno-infantil e um clínico geral. As unidades passaram a ter, das 7 da manhã às 7 da noite, sem qualquer interrupção, um clínico geral; na metade do período — que é o suficiente em qualquer parte — um obstetra, e, na metade de um período do dia, um pediatra.

"Além desses três médicos, nós formamos uma unidade de médicos especialistas dentro do Hospital São Vicente, que denominamos Ambulatório de Especialidade. Então, um neurologista, um ortopedista, um dermatologista, que fossem necessários a essas crianças, a essa mãe, ao trabalhador, nessas unidades de serviço, encontrariam dentro do Hospital São Vicente esses especialistas..."

"Faltava, aí, a retaguarda hospitalar. O município tem, hoje, um hospital gerido pela Secretaria da Saúde, que é o Hospital São Vicente de Paulo, um nosocômio antigo, que vive constantemente lotado. Não são raros os dias em que temos de enviar a outros hospitais doentes que chegam ao São Vicente de Paulo, que não teria nem mesmo recursos de instalação, nem de localização, dentro do que existe, para ser um hospital infantil dentro daqueles padrões mínimos que se exige dentro de um plano de assistência materno-infantil. Baseados nisso foi que levamos ao sr. prefeito todo esse plano de assistência e mostramos-lhe que havia necessidade urgente — para dar andamento ao plano — de uma retaguarda hospitalar de, no mínimo, 150 leitos destinados à área materno-infantil. Esse número de leitos é pequeno; o certo seria um e meio por mil habitantes. Então, em nossa cidade, seriam 250 leitos, mais ou menos."

"Nesse aspecto de retaguarda hospitalar, eu gostaria de dizer que termina neste ponto a ação da Secretaria da Saúde em relação à exigência. O plano e a obrigação da Secretaria era expor, era motivar, sensibilizar — e não poderia ser diferente — essa assistência materno-infantil. A retaguarda hospitalar, no São Vicente, era impossível. Qualquer outra forma, a mais urgente possível, já não mais dependeria do secretário."

"Assim, levado ao sr. prefeito, uma série de outras Secretarias opinou e, por um ato do próprio prefeito — desapropriação não depende da Secretaria da Saúde; é um ato do chefe do Executivo —, ele decidiu pela desapropriação de um hospital da cidade. Assim sendo, nós teríamos, desta maneira, completado todo o quadro necessário para uma eficaz assistência materno-infantil."

"Tudo, nesse plano, tinha ainda um ponto vulnerável, que eram os recursos financeiros. Manter, em todas as unidades, médicos, e a retaguarda para médicos, enfermeiros, ambulâncias, auxiliar social, era extremamente caro para o município e dificilmente ele teria recursos para suportar o ônus de uma assistência tão intensa."

"Foi aí que partimos para órgãos federais, mostramos o nosso levantamento, obtivemos os recursos financeiros suficientes para executar esses planos no setor da saúde no município. Houve, então, aquilo que nós almejávamos: a integração da União com o Município, na execução do plano de saúde. Estamos em fase final; vamos concretizar, nos próximos dias, a participação do Estado naquilo que denominamos Medicina Preventiva, que deve ir em paralelo com a Medicina Curativa — a medicina individualizada em paralelo com a medicina coletiva, para completarmos a verdadeira integração da União com o Estado e o Município..."

Arnaldo Reis explica a desapropriação do Santa Rita. Explica?



Tomando por base as conclusões de um levantamento feito pelo CEPEA (Centro de Pesquisas Econômicas Padre Anchieta) a respeito das condições de atendimento de nossa população no setor da saúde, no período de 1966 a 1974, o secretário Arnaldo Martins dos Reis oficiou ao prefeito, no mês de janeiro deste ano, recomendando a criação, "com a máxima urgência", de comissões para estudar a questão da assistência médica à infância. Já nessa ocasião — conforme atesta tal documento — o secretário indicava como medida mais importante "a construção de uma ala nova no Hospital São Vicente de Paulo", a qual deveria abrigar um Centro Infantil Municipal dotado de todos os recursos necessários a um atendimento completo a todas as crianças, tanto no setor preventivo como no curativo, tanto no setor ambulatorial como no hospitalar. "Com essa resolução" — acentuava no seu despacho ao prefeito — "V. Exa. estará dando resolução ao problema da alta mortalidade infantil em nosso Município, diminuindo os níveis compatíveis ao nosso desenvolvimento sócio-econômico, libertando-nos das principais causas que ceifam a vida nessa faixa etária."

A desapropriação do Hospital Santa Rita de Cássia, em junho último (se bem que tenha sido prontamente impugnada na Justiça), ensejou, dentre outras, as seguintes dúvidas levantadas na sessão extraordinária da Câmara Municipal de 21 do corrente:

Vereador Henrique Franco — Segundo V. Exa., a estratégia escolhida pela Secretaria da Saúde é a de ir buscar, é enfrentar o problema, e, segundo consta, para isso foram instalados postos avançados, postos de vanguarda, podemos traduzir por Unidades de Serviço. Eu perguntaria: V. Exa., se usar nesses postos um critério de medicina preventiva, poderia nos declinar os motivos, o porquê da necessidade de retaguarda hospitalar de um por mil? Em leitos?

Secretário da Saúde — A medicina preventiva não substitui a medicina curativa, senão nós faríamos a interdição de todas as doenças e ninguém morreria. Então, realmente, já disse, ela é paralela à medicina curativa. Quanto à retaguarda hospitalar, esse número de leitos, de um por mil, é um mínimo. Se temos necessidade de uma medicina curativa, nós precisamos, no mínimo, ter uma retaguarda hospitalar voltada para esse setor, que é de no mínimo um leito por mil habitantes. Se nas nossas unidades nós ainda não instalamos a parte preventiva (as vacinações, os cursos, orientação na parte sanitária, orientação da saúde), é simplesmente porque isso depende do Estado; é o Estado que faz isso e nós não conseguimos integrar o Estado, o que deve brevemente acontecer para completar a nossa atividade junto aos nossos municípios.

Vereador Elio Zillo — V. Exa. não acredita que o Hospital São Vicente seria suficiente para o atendimento dos casos que tenham necessidade de leito hospitalar?

Secretário da Saúde — O Hospital São Vicente, pelas características das pessoas atendidas, era insuficiente, em número de leitos, já antes do início do convênio (...). Se, de um lado, o convênio, na parte preventiva, vai nos ajudar no número de leitos, de outro lado, levando-se em conta a parte de atendimento nos postos, a demanda, a ida dos próprios doentes, a facilidade dos próprios municípios no atendimento médico, em troca, aumentará o número de internações também. Muitos casos de início de pneumonia, por exemplo, para ilustrar a pergunta, eram tratados nessa periferia como se fossem de gripe, com chás caseiros, por falta de possibilidades, na época,

de se vir ao centro. Então, quando essa criança chega ao hospital, chega em péssimas condições, em péssimo estado. Então, essa criança, pela facilidade de atendimento (...), o médico, pelos conhecimentos que tem, já sugere a internação nessa fase.

Vereador Elio Zillo — Ainda volto a bater na mesma tecla. Com a internação, antes da consumação da doença, o número de dias-leito não diminuirá no hospital?

Secretário da Saúde — Mas a demanda aumenta. Um contrabalança o outro. O importante é que o "São Vicente" já era insuficiente antes do próprio convênio, antes mesmo dessas facilidades que estamos tentando levar à periferia, principalmente. O Hospital São Vicente tem, hoje, 208 leitos. É realmente, para quem quer cuidar da saúde pública, numa cidade que calculo tenha cerca de 250 mil habitantes, um hospital que é, em parte, um hospital regional. Outras cidades, ao redor, também enviam doentes ao nosso hospital. É realmente insuficiente. É insuficiente para nossa cidade. E à ampliação sugerida por nós temos dois óbices: o hospital não é do município, é arrendado; segundo, a taxa de construção não pode ser ampliada, não se pode construir mais.

Vereador Pedro Oswaldo Beagim — Sr. Secretário, V. Exa. acha que o Sr. Prefeito deve voltar à carga para a desapropriação do Hospital Santa Rita de Cássia?

Secretário da Saúde — Na minha opinião pessoal (acredito que o que vale é a opinião como secretário), eu volto a dizer que, realmente, para dar execução a esse plano que pretendo fazer nesta área, precisamos, pelos dados que foram apresentados, de uma retaguarda hospitalar, com urgência. Todavia, a desapropriação ou não, a volta ou não, é um ato exclusivo do Executivo; a minha necessidade é essa.

Vereador Pedro Oswaldo Beagim — Por que a desapropriação do "Santa Rita de Cássia, quando sabemos que existem outros hospitais em nossa cidade, como por exemplo a Casa de Saúde Dr. Anastácio? Qual o critério usado?

Secretário da Saúde — Eu gostaria de dizer que o problema da desapropriação, a não ser até certo ponto aqui explicado, passa ao nível de outra secretaria. A Secretaria de Finanças, a análise de pontos sobre os quais não tenho conhecimentos técnicos. Fala-se em lucro, em despesas, uma série de pontos desse tipo, que envolvem a Secretaria de Finanças... Existe o problema legal, para ver qual a forma legal, qual a forma mais interessante. Envolve uma série de problemas, além do próprio prefeito, que deve, baseado em todos os dados, escolher o hospital para ser desapropriado...

Vereador Elio Zillo — O Hospital do SESI não teria condições para suprir?

Secretário da Saúde — O Hospital do SESI tem vários aspectos a serem analisados. Mas, mesmo com esse hospital, o número é insuficiente ainda, mesmo porque vive lotado. Esse hospital tem deficiências, não pelo problema médico e nem administrativo, mas sim problemas de ordem financeira. Só para se ter uma idéia — e não vai aqui nenhum demérito, porque existem orientações: para que as crianças do SESI, no domingo, na segunda e na terça, não fiquem sem atendimento médico, a Secretaria da Saúde é que está suprimindo essa deficiência, através do Plano Pediatra do Hospital São Vicente. Realmente se passa no momento uma fase difícil.

Observações à explanação do secretário

1.0) — Logo de início o secretário afirma que antes da criação de sua Secretaria a parte mais necessitada da nossa população ficava praticamente sem atendimento médico...

Gostaríamos de lembrar aos municípios que essa afirmação peca não apenas pela inverdade como — muito pior que isso — nega o mérito de toda uma abnegação de muitos jundiáenses que não mediram esforços para dar aos menos favorecidos uma assistência médica. Não se pode esquecer que o Hospital São Vicente já de há muito atende aos indigentes e contava, antes mesmo da eleição do atual prefeito, com duas enfermarias e contava, ainda, refrescamos a memória para o fato de que foi a tempo, toda uma ala no mesmo hospital destinada às parturientes sem recursos. Que o ambulatório "Rodrigo Soares de Oliveira" atende, também há muito tempo, aos humildes.

2.0) — Rerefe, logo abaixo, o sr. secretário, que o único hospital realmente gerido por uma autarquia (omitindo-se porém de declarar qual autarquia é essa e à qual Secretaria está ligada) municipal. E que o mesmo hospital tinha uma direção voltada para o ensino médico, que era uma direção diferente à que deve ser dada pela Saúde Pública.

Devemos lembrar à população de Jundiá que são inúmeros os exemplos de hospitais-escola em nosso Estado que representam também a retaguarda hospitalar à assistência médica pública: Hospital das Clínicas de São Paulo, Santa Casa de Campinas, Santa Casa de São Paulo, Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto, Hospital das Clínicas de Botucatu e muitos outros. Importante, ainda, refrescamos a memória para o fato de que foi a sua intranquilidade gerada pela atual gestão municipal que motivou, já no seu início (dela), a evasão de muitos professores e assistentes da nossa Faculdade de Medicina do Hospital São Vicente, no que foram acompanhados por boa parcela do corpo clínico do mesmo hospital. Assim, já há bom tempo, perdeu o referido hospital a alegada orientação.

3.0) — Diz o sr. secretário que, para saber qual era a situação de Saúde em nosso Município, encomendou à Faculdade "Anchieta" um levantamento de dados. Não se terá equivocado o sr. secretário? Ou terá esquecido de que há na Faculdade de Medicina de Jundiá professores de reconhecida competência para fazer um diagnóstico mais aprofundado do problema da Saúde Pública, quais sejam, apenas como exemplo, os senhores professores das cadeiras Higiene e Medicina Preventiva, Clínica Médica, Ginecologia e Obstetrícia, Pediatria (sem citarmos que um dos professores de nossa faculdade foi secretário municipal de Saúde em nossa Capital)? Não consideramos suficiente o conhecimento de causa-mortis para se chegar a um diagnóstico de Saúde Pública. Pois interessa também saber a porcentagem da população que é atingida por moléstias que não obrigatoriamente levam ao óbito.

4.0) — Fala também o sr. secretário que as crianças de até 1 ano de idade que falecem correspondem a mais de 1/3 de todos os falecimentos que acontecem em nosso município. E conclui, então, que a maioria

das mortes (mais de 1/3 delas) ocorrem nas crianças por falta de uma assistência às gestantes.

O sr. secretário esquece-se de que grande parte de nossas crianças morre antes de completar um ano de idade por condições de má nutrição e baixas condições higiênicas e culturais de suas famílias? Somos forçados a pensar que não, pois o mesmo afirma, em outro tópico da sua explanação, que o índice de mortalidade de crianças "nascidas vivas" foi superior a 80% do índice total de mortalidade infantil.

5.0) — Quando fala de suas Unidades de Serviço, o sr. secretário diz que o objetivo principal, no setor de saúde, foi o atendimento nos setores obstétrico e infantil. Logo a seguir, informa que as unidades passaram a ter das sete da manhã às sete da noite um clínico geral, na metade do período, "que é suficiente em qualquer parte" (sic), um obstetra e em metade de um período de dia um pediatra.

Não entendemos o que o sr. secretário entende por prioridade. E, se uma das intenções das unidades de serviço foi levar a medicina ao doente, evitando que uma mãe com vários filhos tenha que se deslocar a grande distância à procura de assistência médica, perguntaríamos: o que vai fazer esta mesma mãe nas dezoito horas que os postos ficam sem cobertura de um médico pediatra?

6.0) — Quando o sr. secretário fala em necessidade de retaguarda hospitalar, afirma que o Município tem hoje um hospital gerido por sua pasta que é o São Vicente de Paulo, o qual vive constantemente lotado, não sendo raros os dias em que enviar a outros hospitais doentes que chegam lá. Não refere o sr. secretário que a grande maioria dos doentes que são enviados a outros hospitais não são indigentes; e que no próprio hospital São Vicente alta porcentagem de leitos é ocupada também por pacientes com direito a leitos pagos por uma série de entidades. E, finalmente, que, costumeiramente, ao chegar em outro hospital, deparam também com lotações esgotadas.

7.0) — Não querendo assumir nenhuma parcela de responsabilidade pelo ato de encampação do "Santa Rita", declara o sr. secretário que somente apresentou as exigências de sua pasta ao sr. chefe do Executivo, deixando a este a solução do problema.

Se realmente nesse ponto a Secretaria de Saúde se completava, quem iria gerir o hospital se se confirmasse a desapropriação propalada, senão a própria Secretaria de Saúde?

Não aceitamos pudesse ficar o sr. prefeito, leigo no assunto, com a responsabilidade da qual seria o melhor hospital de Jundiá para o propósito do Plano de Saúde.

O Hospital Santa Rita não estaria já vindo tarde a Jundiá, no sentido de preencher uma lacuna já existente de leitos em nosso Município? Por que quer a municipalidade enfiar em suas mãos a assistência médica-hospitalar se a mesma, em grande parte, é feita pelos hospitais já existentes? A simples transferência de doentes de um ponto para outro em nada resolveria.

Negócios & Oportunidades

POIROT FALECE

O New York Times anunciou, em notícia de primeira página, que a velha lady do romance policial, Agatha Christie, havia decidido matar seu famoso personagem Hercule Poirot no seu último romance. Nas redações da terra, equipadas com precários rádio-escutas, a notícia chegou com alguma interferência, eu como diriam os comunicólogos, deu ruído no canal. Assim, um jornal deu, a sério: Faleceu ontem em Nova York, o famoso detetive Hercule Poirot. C extinto... "e por aí vai.

Soube-se depois que o sofisticado detetive belga teria comentado com seu inseparável assistente Hastings, ao tomar conhecimento da barriça: três dégotant, mon ami, tres dégotant.

SUBSTITUIÇÃO NA COVA-DA-ÍRIA

Atendendo a insistentes pedidos de um colunista local, procede-se à seguinte alteração na equipe portuguesa: saem Otelo, Vasco e Costa Gomes, entram Lúcia de Jesus, Francisco Marto e Jacinta.

INDIGNAÇÃO NA CASA BRANCA

A boquirrotice inusitada da sra. Betty Ford, primeira-da-

ma dos Estados Unidos, perante uma rede de TV, provocou reações as mais diversas. A senhora do senhor Gerald desandou a falar sobre alguns temas que horripilaram o puritanismo norte-americano. Falou em relações premariais, aborto, drogas. Entre as críticas de pastores protestantes, ligas de senhoras, entidades religiosos-filantropicas e outras, as que mais tiveram repercussão na Casa Branca foram as que um jornal desta cidade publicou em veemente editorial na semana passada. Consta que um frêmito de indignação percorreu a Casa Branca. Ron Nessen, o secretário de imprensa, estaria pronto a adotar severas represálias.

TACOS DE GOLFE EM BELGRADO

Dizem que a moda na imprensa dos Estados Unidos, depois de Watergate, é o *media criticism*. Isto é: a crítica dos meios de comunicação pelos próprios meios de comunicação. É uma coisa que aqui no Brasil o jornalista Hélio Fernandes faz esporadicamente, e que agora Alberto Dines institucionalizou com uma coluna semanal na Folha de São Paulo, chamada *Jornal dos Jornais*. É um questionamento estimulante a respeito do enfoque com que determinados jornais trataram ou deixaram de tratar determinado assunto, ou



assumiram deixaram de assumir determinada posição.

No Jornal da Tarde, o *media criticism* é de caráter interno e na maioria das vezes virulentamente auto crítico. Na semana passada, por exemplo, quando o Jornal publicou uma página inteira com um sofisticadíssimo quanto pedante e inútil roteiro dos restaurantes de Nova York, o quadro de avisos do jornal, pulmão por onde respiram as insatisfações da redação, apareceu uma lista com sugestões para próximas reportagens: farmácias de plantão em Boston, como comprar preservativos na Suécia, onde achar tacos de golfe em Belgrado, roteiro de restaurantes de Bangladesh, oficinas de plantão no fim de semana em Detroit, onde comprar esquis na Suíça, e por aí afora.

CORINTIANADAS

Esta é rigorosamente verdadeira, e aconteceu na semana passada, quando Vicente Mateus, dono de uma pedreira, de uma fortuna, do Corinthians, e de um QI reconhecidamente deficitário foi ao Rio tentar contratar o jogador Mário Sérgio, do Fluminense. Quando os repórteres cariocas lhe perguntaram qual era o teto (salárial, evidentemente) do Corinthians, ele respondeu: "Te-

to? Que teto? Lá temos vários: no ginásio, na enfermaria, no vestiário..."

SABOR DE AVENTURA E DE FALTA DE ETICA

Os publicitários, geralmente tão zelosos em arranjar defesas éticas para compensar a sobrecarga moral que lhes é imposta pela própria função socialmente duvidosa de estimular artificialmente os mecanismos de consumo, engasgaram-se com a fumaça do cigarro Marlboro

Por mais esteticamente brilhante e agradável que seja o filme que promove o lançamento do cigarro no Brasil, vai ser realmente difícil justificar a inaceitável associação que se pretende fazer entre o bucolismo da vida agreste, do ar puro e de saúde com o cigarro que se quer vender. Produto reconhecidamente nocivo à saúde, o cigarro deveria ser vendido com mais honestidade. Sabemos que ele faz mal, sabemos que você é viciado e não vai deixar de fumar. Então fume este, que é melhor, e pronto. Mas também é pedir demais: honestidade e ética em publicidade é assunto para discussão teórica em simpósios. Algo assim como o juramento de Hipócrates.

Sandro Vaia

Tudo coadinho, tudo sem pelo

No seu relacionamento com o homem do campo o homem da cidade — administradores públicos ou não — sempre foi negligente. As camadas esclarecidas de qualquer comunidade são sempre responsáveis pela orientação dos que vivem em níveis inferiores. Mas não é o que acontece. Além de idealismo no trato do bem estar comum o homem esclarecido precisa ter paciência. Já trabalhei em outras bandas. Em Guaratinguetá, por exemplo. Faz um tempão. Lembro-me que uma vez saí — a mando, ou por ordem, da cooperativa — fazendo umas visitas de esclarecimento do produtor de leite. Fui de carona no caminhão do leite, no meio de latões vazios, lá pros lados da serra da Mantiqueira. No fim da linha tocava descer do caminhão e fazer o resto a pé, coisa de duas léguas. Atravessei à vau o rio Piaguy — ponte não tinha, tempo de seca, rio abaixo — e fui andando. Sou bom andarilho e não gosto de cavalos. Não gosto e é por nada: tenho dó do bicho (desculpa de mau cavaleiro).

Eu tinha que ir primeiro no "nhô Venâncio", depois "nhô" Zé Coelho, depois...

Lá chegando, latiação de cachorros. — ó de casa! — entre! não morde! — e eu já perto:

— Lovado!

Naquele tempo isto era obrigatório; queria dizer: Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

E o outro respondia:

— Pra sempre!

Isto queria dizer: Pra sempre seja Louvado!

Então vinha os cumprimentos. Não como aqui na cidade, que os outros pegam na mão da gente com aquela força, assim tarracado, não. Era assim coisa só de encostar os dedos "malemá".

E antes qu'eu dissesse — Mecê, como vai? — apareceu um piázinho, mãos postas e...

— ... bença!

E eu:

— ... bençõe!

Coisa herdada dos tempos da escravidão, do homem pedindo a benção pro homem... Ai o nhô Venâncio puxou do canivete, alisou uma palha — sem parar de falar — dobrou-a, meteu-a no canto da boca entre os beijos curtos pelas intempéries — falando coisas triviais, como que se faz, na cidade. Que a carrapateira "tava braba" neste ano, um fogo tinha queimado uma citada de pasto "pra riba do corgo", uma vaca tinha dado dois "bezerro gêmeos" e o leite não era o dobro... patati patatá... aí eu entrei:

— Por falá em leite, tô trazendo um recado pra mecê. Num pode mais ponhá taboa na tampa do latão.

E ele:

— Nós tem que ponhá. Mecê sabe como é. Ante de dá a última vorta a gente ponha a taboa e a acocha bem. Pra mode num derramá o leite.

Era assim a estória toda: de véspera os bezerros eram presos e as vacas iam para os pastos. De madrugada, pesadas de leite, tavam de volta. Pra dar de "mamá" pra bezerrada. Então — 4 horas da

manhã, com frio ou chuva, domingo ou sexta-feira maió" — 365 dias por ano, eram recolhidas, uma por uma. Peiava-se-lhes as pernas para que não derrubasse o balde de leite no coice e amarrava-se também o rabo para que não rabanassem na cara do leiteiro, e não sujassem ainda mais o leite. O bezerro vinha amarrado numa corda; depois de cheirado e lambido pela mãe lá dele, ia mamar. Antes, dava umas cabeçadas no úbere e começava a mamar. O leiteiro deixava ele dar uma mamadinha só em cada teta "prá mode o leite decê". Amarrava o tal e, quatro dedos em volta da teta e o dedão dobrado pra dentro, u'a mão em cada teta e... chó chó chó, espumarada no balde, algum carrapatinho caia também e, pelo, bastante. "Das veis" algum pedacinho de bosta seca também caia junto, no leite. E quando a vaca cismava de urinar nessa hora, éta espirradeira!

Então, pra passar o leite do balde para o latão carecia coar com um pano. Este sim era limpo. Pano de saco de farinha, bem lavado, branquinho de fazer gosto. Falta de higiene? Qual o quê.

Na cidade também é assim. Li no "O Estadão" um dia deste, que a imprensa livre é o melhor remédio contra a corrupção. Se o comentário é "imprensa livre" é porque existe censura.

Os políticos e administradores públicos fazem uma porção de sujeiras e depois filtram as notícias para que o povo receba o leite "limpo". Mecê sabe o que é censura? E o tal pano...

O Bartimeu

VEJA ESTAS EXCURSÕES

BAHIA EM SOL MAIOR

Saídas todos os sábados com hotéis reservados e preço incluído, de 5 e 8 dias. O preço você precisa ver.

MANAUS EM SHOW MAIOR

Partidas todas as 6.as-feiras. 5 dias. Você apreciará partes da fabulosa floresta amazônica ao longo do Rio Negro e Solimões. O encontro das águas. A Zona Franca. Hotel incluído.

ESTADOS UNIDOS

Miami, New York, Disneyworld, Bahamas, com hotel incluído. Você vai gostar dos preços dessas excursões. Saídas a partir de 25 de agosto.

CRAVO E CANELA

Eu nasci assim...
Eu cresci assim...
Pois continue assim Gabriela!
Você constata tudo o que demais lindo possa habitar este planeta.
Você divina. Seu corpo, esculpido pelo sol nordestino, aprendeu o bamboleio ao som das violas dos cantadores sertanejos.
Seu sorriso nos faz também sorrir!
Seus olhos não negam carinho e enlevo!
A cor-jambo de seu busto, faz inveja a qualquer jambo de qualquer jambeiro que jamais o sol coloriu.
Cintura feita para o abraço terno e apaixonado!
Lábios delineados para beijos sensuais!
Você, Gabriela, fruto da terra árida, foi batizada com a chuva fresca que um dia molhou o chão gretado em que só sobrevive o mandacaru!
E essa chuva benfazeja trouxe do céu, só para você a benção dos anjos e dos querubins, em forma de amor.
Você é a mulher-mulher, criada inteirinha para amar romanticamente sexy cabendo tentação pelo corpo todo, mas é também mei-

ga, muito meiga, carinhosa, muito carinhosa...
Eu nasci assim...
Eu cresci assim...
Você sabe, Gabriela, o que representa o **PODER TOTAL** para as mulheres?
Não são as jóias, não é o dinheiro, não são os lindos vestidos, nem os Mercedes-sport, nem os iates branquinhos, tranquilos no mar azul.
O **poder-total**, para as filhas de Eva, significa ter sob os pés os filhos de Adão.
E você, Gabriela, simboliza o **poder-total**!
Com sua simplicidade, você cativa!
Com seu corpo, você domina!
Você é o **poder-total**, morenenta-tentação!
E, ao encaço desse poder todos acorreram!
Os poderosos coronéis de Ilhéus, extasiados com sua graça, de mil artimanhas lançaram os para conquistá-la.
Doutores de respeitáveis títulos, imploraram aos Pais-de-Santo o favor de tê-la como companheira.
Caiu verticalmente o prestígio das meninas do Botaclá.

Domínio total sob o céu da romântica Bahia.
Gabriela, **poder-total**!
Quem foi que conquistou Gabriela?
Quem foi que sorveu o mel dos lábios dessa mornada-dos-lábios-de-mel?
Quem foi que se envolveu no cabelo de Gabriela tão negros como as asas da graúna?
Quem foi que acompanhou, nas longas e mornas noites de amor, o ritmo ondulante do corpo envolvente de Gabriela?
Quem foi que adormeceu, inebriado pelo perfume de cravo e canela?
Foi o turco NACIB!
De nada valeu a dinheirama dos coronéis, nem os

sonetos dos poetas nem as serenatas apaixonadas.
Venceu a brasileira e a lábia do turco Nacib.
Foi ele que, acercando-se da mulher, procurava ansiosamente retê-la, ocultando-a da cobiça de todos osromeus, ávidos de conquistá-la.
O turco, como mostra o vídeo todas as vinte e duas horas, estrategista-inato, vigia Gabriela com a constância das ondas do mar, nas praias de Itaparica.
Não se separa do **poder-total**. Não quer perdê-la.
Até promessa de casamento já fez...
Gabriela resistirá por muito tempo aos apelos da multidão de admiradores?

Gabriela substituirá um dia o avental de prendas domésticas pelas sedas importadas de Paris e rendas venetianas?
Por sua vez, o turco Nacib será fiel a vida toda?
E se surgir outra mulher, que suplante os encantos de Gabriela?
Será que o Nacib persistirá com a paixão hoje declarada?
Será que a constância é um dos seus atributos?
Ou o turco é volúvel "qual piuma al vento"...
Qual a surpresa que nos será revelada na novela que atualmente se desenrola?
Mario Machado

Preso o homem misterioso

A ordem era dar só manchetes locais, mas, naquele dia, não havia acontecido nada de especial na cidade com o maior índice de jornalistas per capita.
— E agora? Que manchete a gente vai dar? — perguntava o redator-chefe Evandro Maia a seus colegas de trabalho.
Penakov, um jovem estagiário descendente de poloneses, deu sua sugestão:
— Já que temos aí uma notícia sobre dois maco-

nheiros presos, a gente poderia criar em cima. Metemos uma foto grande dos viciados, mudamos um pouco aquela matéria que saiu na Realidade e pronto. Galho quebrado.
Evandro aprovou a idéia e foi mais além:
— Acho até que a gente pode levantar uma lebre: ora, se prenderam dois caras com maconha, é sinal de que ela está sendo controlada por alguém na região, quem sabe uma quadrilha de traficantes. E, se existe uma

quadrilha, ela deve ter chefe, claro.
No dia seguinte, o jornal foi às bancas com a manchete:
"Um homem misterioso controla a maconha na região".
Um dia depois, prenderam um homem que tinha uma plantação de maconha no quintal de sua casa. O jornal rival saiu com esta manchete:
"Preso o homem misterioso".
A. Fernandes

ARIES (21-3 a 20-4)
Se você é do 1.º ou do 3.º decanato, o período lhe é favorável. Vai passar uma avenida bem no meio. Muita gente do teu signo tem ficado rica só com a localização.
TOURO (21-4 a 20-5)
Cor de sorte: vermelho. Aguarde a próxima 4.ª feira, vá à sessão da Câmara, sente na primeira fila e ouça tudo. Você vai ficar da sua cor.
GÊMEOS (21-5 a 20-6)
Situação financeira péssima. Peça emprestado.

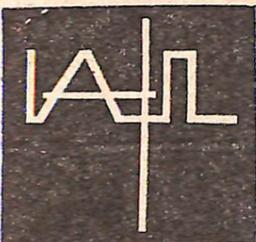
Até 170 milhas, é moleza. Só até!
CÂNCER (21-6 a 21-7)
Cuidado com os documentos. Na atual conjunção, uma onda anticorrupção assolará o Hemisfério. Isso inclui você.
LEÃO (22-7 a 22-8)
Depois que você começou a urrar assim Crrrrr\$\$\$\$, Grrrr, todo o astral come-

HORÓSCOPO

çou a duvidar das suas intenções. Não perca a majestade, rei.
VIRGEM (23-8 a 22-9)
O Zodíaco inteiro estará invocando o teu nome. Assim: Virgem! Onde iremos parar?
BALANÇA (23-9 a 22-10)
Se você é a de Pagamentos, você vai se azarar dentro dos próximos 5 anos.

ESCORPIÃO (23-10 a 21-11)
Período desfavorável para você, que gosta de viver no meio do mato: estão devorando tudo. Tente asfalto. Epa! Não tente, não. Vai sair-lhe caro demais. Mate-se, pô!
SAGITÁRIO (22-12 a 20-1)
Você está precisando de áreas verdes. Infelizmente,

aqui já quase não existem. Tente algum loteamento com uma bela vista.
AQUÁRIO (21-1 a 19-2)
13 é o seu número de sorte. Tente fazê-lo na Loteria Esportiva. Câmara? Desista pt verba esgotada pt.
PEIXES (20-2 a 19-3)
Você precisa de água. Vem água aí, vem esgoto. Prepare as escamas porque você vai se ralar, pirarucu.
Profa. Zuleika



Nós temos uma excelente imagem nesta cidade.
E em muitas outras do Brasil
Indústria de Antenas JUNDIAÍ Ltda.

Fabricantes exclusivos de antena "Parabólica" e das melhores antenas para Tv UHF e VHF.
Loja: Rua São Bento, 126 --- Telefone 6-8164.
Fábrica e Escritórios: Via Anhanguera, km 60,800 --- Telefones 6-1111 e 6-8142.



Irremediável tempo de sempre

A direita de quem entra, quase nos fundos, osromeiros cantavam moda de viola, ao som pouco audível da própria, ou mais corretamente, de um violão.

Era domingo, saída do cinema, segunda sessão. "Amante muito louca", uma incursão violenta na amarga escala de valores da classe média, roia o espírito e tudo era muito melancólico. Muito, porque apenas melancólico é todo fim de fim de semana. Cumprimentos eufóricos demais pra quem não tinha começado (ainda) o seu (meu)

bebem de cada noite. Mesmo assim soltei uns vivas a Roque Santeiro, prontamente acompanhados de estouros de rojões. Pensamentos alheios levaram-me pra longe.

Éramos quinze anos atrás. A esta hora estaríamos no Clube Jundiaense, vindos da 1.ª sessão e Paulicéia. A música seria do Ray Carelli ou, eventualmente, All Antony's, que fora o conjunto de Melinho. Última seleção é pra ser dançada com a "mina" que levaremos pra casa. A pé. Pois nem sempre conseguíamos "emprestar" a caranga do velho.

sile, Regina Ferraz, Graça Fontan, Giba, Sérgio Teixeira, Flavinho Della Serra, Manc, Luiz Raphael, Avaloninho, Augusto, tanta gente mais. A Pituca, menina de tudo, dançava rock comigo. Desfiles de modas com Cláudia de Lucca, Cêlinha Fragoso e Cândida Rivelli, musas que o tempo não apaga. Beto, Durval, Geralda e Chains na organização e cenários. Magali Rocha, Bidu Franzini, Esther Novaes e Penha Cury, paqueradíssima, não queriam saber de nada. Era só um tal de dançar a noite toda. Lolô e Sarita enfeitadíssimas sempre. Misa e Jussara nem sempre presentes. O Janjão é o cupido de sempre, um grego famoso no carnaval.

O que vai pelos ares

BETHANIA ENCHE O CANECÃO

É da Philips, é em stereo e tem o n.º 6349146. É série luxo, é arranjado pelo maestro Gaya, tem o piano do Zé Maria, é ao vivo no Canecão e "vai levando, mesmo com toda a fama" de Chico Buarque mais a Maria Bethânia. Primeiro, perguntamos ao Henfil se ele já reaveu as 360 pratas pagas para ver o espetáculo e depois sugerimos que, para maior clareza, a Maria Bethânia seja dublada, em disco, pelo sensível Chico Buarque de Holanda, quando cante. Já na faixa da contracapa, até eu violaria, Chico, até eu. **Eduardo**



ENQUANTO ISSO, EM ILHEUS...

Depois de ler nosso último número (J 2a, e as áreas verdes), uma pacata senhora não se conteve:

— Isto é um caso para o Chico Chico!

Maiores detalhes das 22 às 22.40 horas, de segunda a sexta, na Rede Globo. Canal 5. (E.M.)

TRISTEZA DE IECA



Outro dia, pela Tv, o ministro da Previdência Social, depois de anunciar que o INPS distribuiria medicamentos de graça aos contribuintes, fez questão de repetir que o Instituto não fabricaria esses remédios, os compraria.

E frisou: "Faremos do INPS um grande comprador da indústria farmacêutica".

Acho razoável que o ministro tenha deixado claro que o Governo não vai estatizar a produção de medicamentos. O triste é saber que tantas explicações sejam apenas para não aborrecer um setor da indústria que, por coincidência, é dominado em quase 80% por empresas estrangeiras. (E.M.)

ENCONTRO DAS AGUAS

Depois eles ficam dizendo que eu estou contra. Mas vejam se não é o cúmulo da má informação. E essa foi ouvida na Hora do Brasil — portanto, é oficial:

"Jundiaí inaugura Encontro de Artes... É uma cidade próxima a São Paulo, sabidamente industrial... mas tem também recantos maravilhosos e em seus rios se desenvolve a pesca (ouviram? pesca mesmo!), principalmente no Guapeva, Jundiaí, Jundiaí-Mirim, etc. etc."

Primeiramente gostaria de saber quem foi que passou a notícia para a Rádio Nacional (ou para a Agência Nacional); depois, fazer um convite para qualquer um — e pode ser pescador dos bons — para vir de canoê e samburá tentar a sorte num fim-de-semana em qualquer desses nossos rios. Pago estadia. Ofereço prêmios. Promovo seminários. Enfim, faço tudo para quem conseguir pescar mais do que bagre cego nas "límpidas águas" desses rios.

Dessas promoções se depreende que, futuramente, conseguiremos (industrializando a "gelatina") devolver ao parque industrial da cidade, no mínimo, combustível para acionar suas máquinas, tal é o estado dessas águas. Os perfumes, então, se captados, venderão para serem usados nas grandes inaugurações, vernissagens e consonâncias e levarão nomes como "Essência dos Pantanos", "Gran Parfum Urban", "Gran Jota", ou "Jundiaí avec des urubus". Olhem que grande promoção, né mesmo? **(EDUARDO)**

CAMPINAS NO PASQUIM

Não faz muito tempo, Sérgio Augusto, no Pasquim, noticiou que dois delegados foram afastados dos seus postos por permitirem uma festinha de bichas, em Campinas. Na mesma ocasião, um Juri Popular absolveu o promotor Gallo, que matou sua mulher, a facadas, em defesa da honra. Já a Veja enfocou Campinas como centro cultural brasileiro. — **(Picoco)**

O INTERIOR ESTÁ DANDO

É horrível "acusar o recebimento", mas somos obrigados a fazer isso: acusamos o recebimento de dois excepcionais semanários interioranos, um de Ribeirão Preto, "Domingão", outro de Londrina (PR), "Viver". Invejáveis, ambas as publicações. (E.M.)

Carteira de Habilitação só mesmo para alguns poucos privilegiados, que a exibiam no bolso da camisa, embora ainda fosse o tempo das gravatas pra nós e colar de pérolas de uma volta só pra elas.

Algum tempo depois a música seria dos Beatles, quando não fosse de fundo social, de contestação.

Os primeiros "jeans", pintariam discretamente, numa ingênuza quebra de valores (externa), substituindo a casimira e o linho, com colher de chá pro algodão.

Na mesa do centro, um grupo de profissionais liberais, nem todos exercendo a profissão mas, na mente, o título de um artigo não publicado do Sutti: "Calma, vai sobrar pra todo mundo".

No ar, vozes gritantes de uma só música, agora reforçada por uma sanfona. Violão e sanfona, vozes gritantes e sempre a mesma música... a mesma música.

Quem gostava e cantava moda sertaneja era o Roberto Inglês. Folgazão irremediável e irrepreensível. Beijava as mãos das senhoras e nunca ficamos sabendo se a sério ou a brincadeira. Talvez um pouco das duas coisas.

Ô saudade irremediável e irrepreensível! Irremediável pra nós, irrepreensível por ele. Tinha cada uma o Roberto! Paixão por um rancho na Serra do Japi, cujo trote na primeira visita era induzir a um banho, pelado, nas águas cristalinas de um córrego absolutamente irresistível. Gelava até a alma. Imaginem o traseiro, então, como ficava.

Na mesa do centro fala-se do Jornal de 2a. Na mesa dosromeiros quebra-se um copo ou uma garrafa de cerveja, segundo-se as devidas desculpas, risos e a falta de alternativa para o dono do bar:

— "Tudo bem. Tudo bem. Não se trata de botar na conta. É que começa esse quebra-quebra e acaba dando mal resultado".

— "Deixa disso Samir. VIVA ROQUE SANTEIRO. Samir! VIVA ROQUE SANTEIRO".

O Clube Jundiaense foi palco de mil "shows" nem todos encenados, embora o Departamento de Cultura Artística, DECA, com o apoio do Osvaldo, reunisse pelo menos uma vez por ano os "talentos" do clube: Wagner, Dindo, Delega, Cêlinha Breina, Regina Toledo, Helô Ba-

Na mesa dos fundos um grupo de meninas passa da hora de chegar em casa e lança seus olhares que só mesmo aos dezoito anos conseguem transmitir tanta esperança. Ainda que de momento. Nesta idade o amor é sempre uma esperança, ainda uma experiência quase sempre passageira e nunca mais tão eterno enquanto dure, como quer Vinicius de Moraes. Na mesa do centro discute-se um encontro de artes. Na mesa dosromeiros pede-se mais cerveja e um bando de bicões ajuda na consumação.

Era praxe naquela época, existir esta ou aquela menina na moda. Lá estávamos todos em cima dela. A reciproca era verdadeira e a cada novo elemento do Clube, uma nova onda de interesse. Existiram associados que nunca chegaram a ser moda e outros que se perpetuaram.

Pra fazer parte da turma da pesada era indispensável o endosso de no mínimo um elemento da "patota" ou "batota". Num acordo tácito aceitávamos ou esnobávamos. A fina flor da sociedade, como diziam as colunas sociais da época, era de uma impiedade só conseguida e desculpável na adolescência. No adulto isso é sempre indisculpável, porque sempre preconceituosa, endereçada, corrupta e sempre mesquinha e grosseira, fruto de recalques não menos mesquinhos e grosseiros.

Aliás, não é uma feira de amizade que nos imuniza a ela. Nem o calar-se, para não condenar, diante de erros de uma administração pública. Pelo contrário, essas atitudes, às vezes, é a própria característica da falta de piedade.

Ainda é muito cedo pra dormir, mas o uísque está amargando a boca, o canto dosromeiros causa tristeza, a fala dos universitários é fraca, o olhar da menina é perdido.

O peso de uma segunda-feira sem nada importante pra fazer arrasta a cadeira e saio a caminho de casa no horário marcado de anos atrás: "Não chegue depois da uma hora, heim!"

Nessas alturas já existe uma força social fazendo-nos, irremediavelmente, médico ou dentista, advogado ou economista, arquiteto ou engenheiro, professor ou vagabundo, prostituta ou dona de casa. Operário não tem alternativa. Ou jornalista? É preciso mais que uma carteira profissional, um espaço de jornal, um diploma de escola. Ou não?

N & O

J 2.a, ANTES DA GEADA



Até o fim de setembro, você ainda pode assinar o "Jornal de 2.a" a preço de promoção: Cr\$ 100,00 a assinatura anual, Cr\$ 60,00 a semestral.

Depois, vai dar geada, ou seja, o preço vai aumentar. Aproveite.

O JOIO E O TRIGO

Pra terminar minhas apreciações sobre o IV Encontro de Arte de Jundiá, devo dizer:

1) Se todos os estudantes jundienses estiveram presentes na mostra, tanto melhor — é necessário, mas não suficiente; 2) Dulce Simonsen emprestou todo o seu prestígio ao Encontro — daí seu sucesso externo, e divulgação nacional. Os seus bens pessoais não desmerecem o trabalho e o esforço dispendidos;

3) Não tenho interesse algum em menosprezar o trabalho individual, pessoal, de cada membro da Comissão Organizadora. Desde quem limpou as privadas do Parque "Comendador Antonio Carbonari" passando por quem descascou eucaliptos, até quem dependurou os quadros nas paredes, estão todos de parabéns. Um voto de louvor especial a Fernando Cury, que se desdobrou em mil para o bom andamento do IV EJA;

4) Lamento que tanta dedicação e verba polpuda, principalmente verba polpuda, não tenha tido o alcance popular que desde os primeiros encontros estamos esperando. Tanto trabalho, prestígio e dinheiro público só se justificaria com a presença, com o interesse da população jundiense;

5) Se a promoção está tentando angariar benefícios eleitorais ou servindo para badalações pessoais, eis o que está sendo ponderado. Não é o EJA que deve ser banido e sim, o que não o faça uma promoção cultural.

(Picoco)

RECADO PARA OS ALUNOS DO INDUSTRIAL

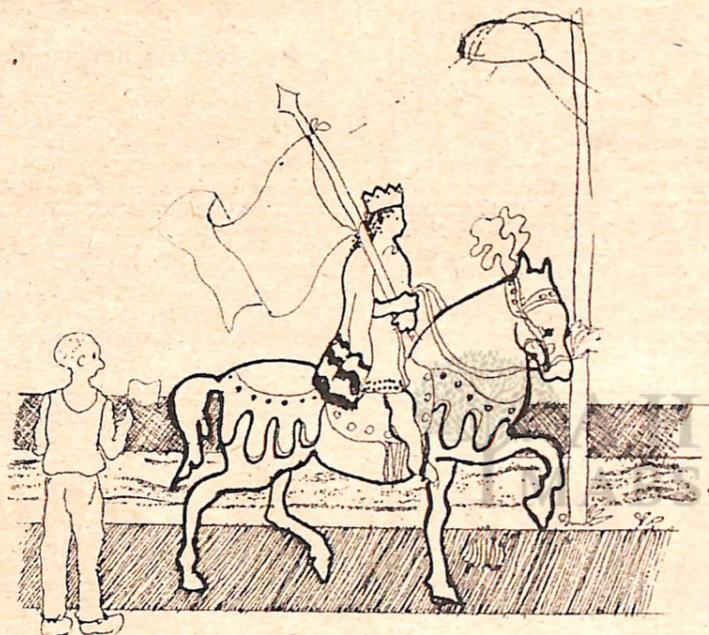
Prá espanto meu eu não sei devido a que tipo de interferência, foi o Ginásio Industrial o único estabelecimento de ensino a recusar os jornais que mandei para distribuição à estudantada. Já tinha falado com o diretor, meu amigo Aldo Murari, a respeito dessa promoção que só tinha em vista apresentar à classe estudantil o novo jornalismo que se está fazendo na cidade. Separei das edições n.º 4 e n.º 5 dois mil exemplares para os alunos do Industrial (como fiz para outros estabelecimentos), pois ambos traziam matérias de grande interesse para eles. Com surpresa, porém, vi no dia seguinte todos os jornais devolvidos e junto um ofício informando que a

distribuição só poderia ter sido feita se houvesse "expressa autorização superior da Secretaria da Educação... uma vez que toda a divulgação no âmbito escolar, seja de ordem cultural ou pedagógica..."

Não tem nada não. Os jornais permanecem aqui (rua Senador Fonseca, 1044), à disposição do Centro Cívico ou da Associação de Pais e Mestres do Industrial, podendo os seus responsáveis vir retirá-los até quarta-feira, o que, não acontecendo, deixará evidente que estão querendo boicotar o conhecimento do J 2.a aos alunos. Então, aí, ficam estes convidados a virem retirar gratuitamente os seus exemplares. Falei e assumi.

(C. F. P.)

DIA DA PÁTRIA: R. S. V. P.



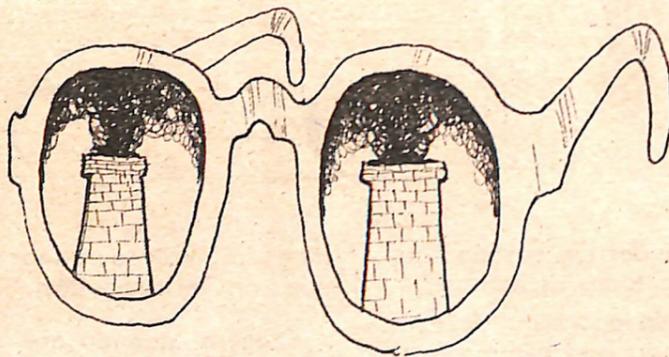
Está decidido, o desfile do Dia da Pátria será às margens pouco plácidas do "Córrego do Mato".

Como, minha senhora? Não vai caber todo mundo? Pois não vai ser pra todo mundo, mesmo. Os colégios mandarão representações: afinal, não deu pra fazer uma avenida mais larga, pombas!

Além do mais, a avenida não foi feita pra todo mundo, não pense a senhora. (Picoco)

VAMOS DEIXAR CLARO

Os administradores de Mauá, Est. de São Paulo, mais precisamente, no ABC, quando questionados informam: "Poluição por aqui? Não existe. Ela é apenas visual..." E explicam que o fenômeno "visual" significa: só é vista, a fumaça o smog, o pó que sai das chaminés. Então, você vê, visualiza, mas ela absolutamente não existe, além disto. Ponto. Será que ninguém vai se apropriar dessas idéias por aqui? Às vezes dá um certo medo, sabe? (EDUARDO)



PROMOÇÃO POPULAR

Não deu outra. Primeiro e segundo lugares no campeonato de buraco em pról da Feira da Amizade foram para duplas da Ponte São João. Sebastião de Souza (Tião) e Schenkel, Roque de Barros e Yussef, respectivamente. Em 5.º, eu e a Jane Ferreira Prado, Ademir de Barros e Zanata. As outras classificações foram divididas pelo pessoal do centro. Vila Arens, etc. As congratulações, porém, vão para os organizadores dessa tão gostosa promoção, que reuniu gente de todas as camadas sociais jundienses, sem dinheiro público na jogada. Muito bem Leilah Ferragut, Lucilena Ferrari e Carlito Veiga, entre outros, que conseguiram um feito bastante social (apesar de não tão "cultural"), e uma interação de amizades.

(Picoco)

OBRIGADO,

DOUTOR

Acho muito estranho o seguinte: quando surge algum problema jurídico na Câmara Municipal, o assunto é sempre tratado por um eminente jurista. E quando eles têm que averiguar problemas médicos, por que não consultam os próprios, os não da Municipalidade? (EDUARDO)

ATRASOS-EXTRAS DA COMETA

Um dos tradicionais programas de boa parte da população desta desvaivada Jundiá é viajar para a Capital, nos dias em que é feriado aqui.

A Viação Cometa, para atender a essa romaria, abre horários extras. Apenas se esquece de botar ônibus extras.

Com isso, você tem horários de 5 em 5 minutos e embarques de 15 em 15 minutos, como sempre. Prestação de serviços é isso? (E. M.)



SÓ SE FOI POR PÊNALTIS

Os universitários de uma das nossas faculdades escolheram Laudo Natel como "o melhor economista de 74".

É por essas e outras que, mesmo sendo são-paulino e campeão, a gente tem um certo acanhamento em botar a bandeira na antena do carro. (E. M.)

EXPORCENTER

NORDVAL

XIUN-XIS!

Vai acontecer por aqui, finalmente, uma coisa que já era pra ter acontecido antes. Quero dizer, uma das coisas, pois são tantas as que estão deixando de acontecer.

O papo é o seguinte: Paulo Roberto Felizi, Natália Fernandes de Agustini e Mauro Bertelli Filho vão inaugurar dia 10 de setembro uma Boutique (assim mesmo, com B maiúsculo). Vai ser na Rangel Pestana, 820 e o nome escolhido foi **Exporcenter Nordval**. Lá, as bonecas e bonecos, bonequinhas e bonequinhos, cachorrinhas e cachorrinhos vão encontrar mil e uma novidades, podendo ainda curtir um som do peru! Como na Cuca, lá vão acontecer muitas coisas boas em matéria de arte, além de mostras da moda masculina e feminina, artesanato e boutique para cães (que luxo!), discos clássicos e populares, fitas gravadas, chás, cursos de tricô e crochê, coisas mil. O resto fica pra ser contado depois. Por enquanto fica nesta colher (caldeirão, pó!) de chá. — (Débora)

O PÃO NOSSO

DO DIA INTEIRO

A antiga padaria "do Chinês", a Santa Cruz, tem novos donos, novas instalações, uma perfeita padaria, um excelente serviço de "leve-pra-casa", uma confeitaria espetacular. E um atendimento muito gentil.

Tudo isso funcionando durante as 24 horas do dia.

Tá! um progresso que a gente é obrigado a saudar. Com água na boca. (E.M.)

SAUNA
MOTEL



RESTAURANTE
PIZZARIA
CHURRASCARIA

O MAIOR CONJUNTO DE SERVIÇOS RODOVIÁRIOS DO PAÍS

José Tarcísio, de capa e espada

Todo mundo sabe que discussões existem. Na arte, então, ela se extravasa em muito. São poucos produzindo, poucos fazendo arte e inúmeros discutindo o trabalho desse po-vinho, espremido entre as atenções devidas e os envoltórios do artista com a sua obra. São poucas as pessoas que se demoram em observar o resultado. Quando o artista se compromete com seu trabalho, coloca-se diante da sociedade e pretende alertá-la para algum problema, cabe a ele, à sociedade, a devida atenção para com a atitude desse indivíduo, sempre corajosa, porque tange a ignorância coletiva. E, daí, ele se expõe, em público, para enfrentar as críticas, favoráveis ou não, aos críticos, favoráveis ou não, que de uma certa forma tomem conhecimento da atitude deste artista. Desta forma, procuramos entrevistar José Tarcísio, o artista premiado no último IV Encontro Jundiense de Arte, e encontramos uma pessoa cândida, um terrível nordestino declarado, pau-de-arara que veio de encontro ao grosso do populacho dessas grandes metrópoles, São Paulo e Rio, e soltou a língua lírica que nunca houve por bem prender. Por acaso foi mais longe e premiou-nos, a nós desse Jornal de 2.a, com o magnífico trabalho de capa, por entender, como nós, que o que é "verdade" pode estar conosco.

Concordamos com tudo que aqui está descrito.

José Tarcísio nasceu em Fortaleza, no Ceará, em 1941. "Graças a Deus, sou artista plástico. Como todo menino, comecei pintando e continuei menino. Adolescente, copiava tudo que via. Agora, faz onze anos, procuro alguma coisa mais própria, algo mais pessoal. Quando é muito difícil encontrar, mesmo inconscientemente. Há quatro anos, pelo menos, estou intimamente ligado na natureza. Procuro nos seus fragmentos e nas suas interferências. Faço arte ecológica."

José Tarcísio teve sua infância vivida no Ceará. Todo mundo sabe que o Nordeste é árido, seco, pleno de caatingas. Isto, segundo Haroldo de Azevedo, 2.º ano ginásial. Tarcísio acrescenta: "Mas, em Cariri, o clima é igual ao de Campos do Jordão. Itu, aqui perto, é um pedaço do sertão nordestino cravado em São Paulo. Neste momento em que o homem desmancha a natureza, eu

procuro alertar, dar um recado e, no mínimo, registrar o fato, através do desenho, da litografia. Faço um museu." Com isto, o José Tarcísio explica suas pedras, onde nem sempre o verde, só o verde é ecológico. As pedras estão sofrendo e ele quer viva esta notificação.

Estamos na Cantina Castro. O aspecto físico de José Tarcísio é familiar. Atenção, futuras misses, ele se parece com o Pequeno Príncipe, veste-se como o Pequeno Príncipe e sempre "é responsável pelas coisas que conquista". Senão, vejam o que o Harry Laus disse dele: "Tudo o que se disser a respeito de J. Tarcísio é verdade ou mentira — é um artista múltiplo. Não posso falar mal dele — inventa o diabo e não vai até o fim." Na cantina, a mesa é grande. O aspecto é de festa. Estão Yayá Sperry Cezar, Augusto Mello de Oliveira, Chico Dal Santo, Beto Cecchi, Denize, João Borin, Du Pereira, Selma, Nidia, Neide Pereira, Inos Corradin e Helena Suzana. Entre pizzas, chopp e vinho, o papo se desenvolve. "Apresento a poluição visual. Registro o homem usando a natureza para se tornar perene, como a pedra. E, quando faço esse trabalho, estou denunciando isto, num objeto, quando colho fragmentos sem maculá-los e dou a esse fragmento um trono para evidenciar a presença do homem, que frequentemente está assassinando a natureza."

Seu cartel de exposições é extenso, apesar da pouca idade. Ganhou, no ano passado, o 23.º Salão Nacional de Arte Moderna, que é o mais importante prêmio existente no Brasil, prêmio de viagem ao estrangeiro, no valor de US\$ 12.000. Foi um dos que representou o Brasil na VII Bienal de Paris, em 1971. "Foi uma das coisas que mais me alegrou." Sobre técnicas de trabalho, ele disse: "A litografia dá-me muito prazer. Uso a pedra como suporte do meu trabalho." Sobre sua vida, ele declara: "Em 1960 conheci Antonio Bandeira, em Fortaleza. Mostrei, timidamente, meu trabalho. Ele disse-me: 'Vai embora, procure um centro maior, aqui não dá.' Isto, naquela época. Segui seu conselho, estamos aí. De resto, cada objeto meu faz parte de 'um museu dos tempos dos meus olhos', são peças isoladas, fragmentos da paisagem. Devo ser lírico, assim como devo ser romântico. Nessas mi-



José Tarcísio nas paredes do IV Encontro

nas recentes viagens, vi os homens destruindo as pedras, transformando-as em ruas. E isto também me afeta."

Nestes tempos, foi convidado a participar do Panorama Nacional de Arte Contemporânea deste ano. Vai-se apresentar com objetos e esculturas, usando fragmentos. E virá expor na Cuca. Fez amigos em Jundiá e faz questão de deixar seu endereço: "Moro em Santa Tereza, na rua Dias de Barros, 43. Fica em frente ao Museu da Chácara do Céu. Apareçam."

Texto de
Eduardo
de Souza
Filho

"O Emerson não é de nada"

Quantas vezes tenho ouvido isso, neste final de campeonato. Quantas vezes ouvi isso, no meio do último campeonato mundial de pilotos. "O cara botou a mão no dinheiro e afinou. Não quer mais nada com o perigo". Ou ainda: "Depois que a filha dele nasceu, não arrisca mais a pele". Essas e outras afirmativas têm sido uma constante referência a Emerson.

Quanta injustiça e quanta incompreensão. E quanto imediatismo, também.

O público brasileiro é impressionantemente mal informado com respeito a valores. Nem acho que seja exigente demais. Acho mesmo que é mal informado e desatualizado. Lê manchetes, não notícias.

O Emerson começou a carreira na Fórmula Um em final de campeonato e conseguiu uma espetacular vitória nos Estados Unidos. No ano seguinte conseguiu outras boas vitórias com a Lótus e o título de campeão mundial. Foi recebido em glórias no Brasil

com desfiles em São Paulo e todas as honras.

No ano seguinte conseguiu o vice-campeonato do mundo e nem sequer havia público no Aeroporto de Congonhas, onde desembarcou quase incógnito. Imaginem. **Vice-campeão do Mundo.** E falaram dele o diabo. "Já está com a mão na mala. Não quer mais nada".

E no ano seguinte ele voltou a conquistar o título de **Campeão do Mundo** apesar de, em meio ao campeonato,

ninguém mais acreditar que isso seria possível.

E agora, quando apesar do predomínio técnico da Ferrari estar patente, ele ainda tem boas chances de ser novamente **Vice-campeão do Mundo**, novamente a indiferença do público e a volta às afirmativas de que "o cara não é de nada".

Para todos nós, que militamos no automobilismo desportivo e que por isso mesmo nos identificamos com ele, o dia

a dia é repleto de afirmações desse tipo, que nos fazem com ar de escárnio ou muitas vezes somente para dizer que estão acompanhando o que ocorre nesse esporte.

Pudessem imaginar o que é, não ser campeão ou vice-campeão mundial de Fórmula Um, mas tão somente ser admitido a competir e se classificar em uma corrida de Campeonato Mundial de Pilotos, pudessem imaginar o que isso representa em esfor-

ço técnico e financeiro, não fariam, os que assim falam, alusões ou afirmativas tão tolas e descabidas.

"O Emerson não é de nada".

Valha-me Deus.

Diariamente, por todo o mundo, os jornais e revistas especializadas estão a publicar notícias e comentários a respeito das atuações do Emerson, dentro e fora das pistas. Dentro e fora das pistas, porque o Bicampeão Mundial se projetou, também, como personalidade, graças à sua coerência de atitudes, muitas vezes mais importantes e significativas que um título mundial de pilotos.

E neste campeonato de 1975, quando seus méritos ainda poderão lhe assegurar o "vice", ninguém quer saber disso, como se nada valesse ou representasse.

"O Emerson não é de nada".

Valha-me Deus!

Antonio
Carlos Avallone

